



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA



**O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES BILINGUES**

IMPERATRIZ - MA
2023

DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA

**O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES BILINGUES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Cristina Torres da Silva Ferreira

IMPERATRIZ - MA
2023



DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA

**O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES BILINGUES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 24 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Cristina Torres da Silva Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Luciano Rocha da Penha
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Roni César Andrade de Araújo
Universidade Federal do Maranhão



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

GUAJAJARA, DOMICIANO GRIGÓRIO.

O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL : CONCEPÇÃO DE PROFESSORES BILINGUES /
DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA. - 2023.

62 f.

Orientador(a): Cristina Torres da Silva FERREIRA.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Cultura indígena. 2. Desenho. 3. Educação Infantil. 4.
Professores bilíngues. I. FERREIRA, Cristina Torres da Silva.
II. Título.



O mundo infantil é marcado essencialmente pela magia, magia que remete ao desenhar, caracterizada como uma prática natural e indispensável à vida, presente em todas as culturas desde os tempos remotos (HANAUER, F. 2013, p.74).



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, força, superação por tudo que ele me proporcionou durante o percurso da minha vida acadêmica, social e profissional, fonte primeira de todas as realizações.

Em particular agradeço aos meus pais, Luís Neto Gregório Guajajara e minha mãe Maria Inês Sousa Guajajara, à minha esposa Maria Tereza Aurora Guajajara que além de ser companheira na jornada de vida sempre me ajudou em palavras nos momentos difíceis.

Ao meu irmão, Deusiran Gregório Guajajara e minha irmã Dimaria Gregório Guajajara que tiveram participação importante em me ajudar, colaborando com o transporte para eu ir para Faculdade.

Agradeço aos meus filhos (as) Iarlon Aurora Grigorio Guajajara, Iaslany Aurora Grigorio Guajajara, Ikayruwân Aurora Grigorio Guajajara e Iarleny Aurora Guajajara que foram e são as motivações que me dão força, inspirações que além de colaborarem comigo, souberam entender os momentos de ausência durante os estudos e pesquisas.

Agradeço, com muita gratidão, a minha orientadora Profa. Ma. Cristina Torres da Silva Ferreira, pela orientação segura, democrática, competência e pela paciência durante a estruturação do trabalho, sou muito grato.

Agradeço a coordenadora Local do PARFOR, Polo Grajaú - MA, Profa. Ma. Cristina Torres da Silva Ferreira, que assume essa função, além da docência, por sempre estar presente na vida acadêmica de todos os alunos sempre servindo com êxito e disposição, pela acolhida durante o período de estudos.

Ao Prof, Dr. Francisco Almada que sempre se colocou em disposição em atender a todos os acadêmicos (as).

Agradeço a todos (as) professores pela paciência com os Guajararas em suas ministrações de disciplinas, pelo carinho, competência de ensinamentos.

Agradeço a todo (as) meus amigos (as), Guerreiros (as) indígenas e em especial a nossa Cacica Geral da Aldeia Bacurizinho Iara Marizê Lopes Guajajara pela motivação e incentivo e por sua liderança mulher forte e Guerreira da nossa comunidade indígena, que impulsiona cada um de nós indígenas a não desistir dos nossos sonhos, valorizando sempre a conservação da nossa cultura.



Agradeço a colaboração da colega de turma Sanayra que se dispôs a ajudar no momento final do curso, contribuindo com suas dicas as quais foram de grande relevância para a etapa final do meu trabalho.

Aos colegas da turma entrada 2018,2, turmas 01 e 02 pelo companheirismo durante a longa jornada.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram com a elaboração deste trabalho.

Gratidão Eterna!



RESUMO

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa e traz uma discussão do desenho como expressão da cultura indígena Tenetehara na educação infantil, trazendo uma concepção de professores indígenas bilíngues. De modo que o objetivo geral da pesquisa pautou-se em analisar o desenho como forma de expressão da cultura indígena Tenetehara na educação infantil na concepção dos professores bilíngues de uma Pré-Escola Indígena de Grajaú-MA. Considerando a necessidade de uma Educação bilíngue em todas as suas possibilidades, nas comunidades indígenas, este trabalho se destaca pela relevância da abordagem do desenho como meio que possibilita o desenvolvimento do ensino aprendizagem e valorização da arte na cultura indígena. Para tanto, realizou-se bibliográficas sobre o tema a exemplo de Delmondez (2014), Scanduzzi (2009), Velthem (2010), Radvanskei e Bachmann (2013), Grupioni (2006), e pesquisa de campo, usando como coleta de dados entrevistas semiestruturadas com professores bilíngues da escola lócus da pesquisa. Todos os dados coletados foram analisados de forma crítica e reflexiva e apresentados de forma descritiva. Durante a análise dos dados, percebemos que os professores a todo tempo, buscam essa relação entre comunidade e escola, relacionando sempre os saberes culturais com os conteúdos escolares, partindo da arte, costume e cultura para a contextualização dos conteúdos escolares, e que o desenho é meio pedagógico fundamentado para a realização deste trabalho na educação infantil.

Palavras-chave: Desenho. Cultura indígena. Educação Infantil. Professores bilíngues.



ABSTRACT

The present research is of qualitative approach and makes a discussion of the drawing as an expression of the indigenous culture tenetehara in early childhood education, bringing a conception of bilingual indigenous teachers. Thus, the general objective of the research was to analyze the drawing as a form of expression of the Tenetehara indigenous culture in early childhood education in the conception of the bilingual teachers of an Indigenous Pre-School of Grajaú-MA. Considering the need for a bilingual education in all its possibilities, in indigenous communities, this work stands out for the relevance of the drawing approach as a means that enables the development of teaching learning and appreciation of art in indigenous culture. To this end, bibliographic research on the subject was carried out, such as Delmondez (2014), Scandiuzzi (2009), Velthem (2010), Radvanskei and Bachmann (2013), Grupioni (2006), and field research, using as data collection semi-structured interviews with bilingual teachers of the school locus of the research. All collected data were analyzed critically and reflexively and presented descriptively. During the analysis of the data, we noticed that teachers at all times, seek this relationship between community and school, always relating cultural knowledge with school contents, starting from art, custom and culture to the contextualization of school contents, and that drawing is a pedagogical means foundation for the accomplishment of this work in early childhood education.

Keywords: Drawing. Indigenous culture. Early Childhood Education. Teachers bilinguals.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. DOMICIANO GRIGORIO GUAJAJARA (TENETEHARA): MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR.....	14
1.1 Minha origem e infância	14
1.2 Da aldeia à urbanização da cidade: do sonho de aprender aos desafios que me impulsionaram na vida estudantil.....	16
1.3 O desenho como forma de expressão.....	17
1.4 Magistério e curso superior na UFMA: luzes do conhecimento.....	20
2 O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
2.1 O desenho na educação infantil.....	30
2.2 A linguagem do desenho na educação infantil como forma e expressão da cultura indígena	28
2.3 Formação do Professor Indígena Bilíngue.....	32
2.4 Conhecendo alguns tipos de desenhos da cultura indígena Tenetehara....	37
3 DO PERCURSO METODOLÓGICO AOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	41
3.1 caminhos metodológicos	41
3.2 Análise e discussão dos resultados.....	42
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	59



INTRODUÇÃO

Entendendo a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica e considerando a necessidade de se desenvolver nas escolas indígenas uma Educação bilíngue em todas as suas possibilidades, este trabalho destaca pela relevância da abordagem do desenho como meio que possibilita o desenvolvimento do ensino aprendizagem e valorização da arte na cultura indígena. De forma que se torna significativo para todos os interessados na temática e principalmente aos professores bilíngues que atuam na educação infantil e desenvolvem atividades lúdicas, na qual compreendem a importância do desenho como meio de promover o bilinguismo e valorização da cultura indígena em sala de aula de forma lúdica. Destacamos nesta pesquisa a necessidade de uma formação específica para professores indígenas bilíngues, que por meio da educação escolar buscam promover a valorização de suas culturas como produtora de conhecimento significativo, e contribuir para a melhoria da comunidade em que vivem.

As indagações sobre o tema surgiram a partir da reflexão sobre a educação escolar indígena ofertada às crianças da educação infantil, tendo como perspectiva a garantia de uma educação democrática que fortaleça e promova a cultura dos alunos indígenas., assim tendo como questão central: Como o desenho expressa a cultura indígena Tenetehara na educação infantil na concepção dos professores bilíngue de uma Pré-Escola Indígena de Grajaú-MA?, dando sequência as seguintes às questões: De que forma se dá a linguagem do desenho na educação infantil, para a expressão da cultura Guajajara? Quais os principais tipos de desenhos da cultura indígena Tenetehara? Quais as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores bilíngues na educação infantil para a produção e aplicação do desenho no âmbito da sala de aula?

Neste sentido o objetivo central pautou-se em analisar o desenho como forma de expressão da cultura indígena Tenetehara na educação infantil na concepção dos professores bilíngues de uma Pré-Escola Indígena de Grajaú-MA, desdobrando- se nos objetivos específicos: compreender a linguagem do desenho na educação infantil como forma e expressão da cultura indígena, distinguir os principais tipos de desenhos da cultura indígena Tenetehara e identificar as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores bilíngues na educação infantil para a produção e aplicação do desenho no âmbito da sala de aula.



Considerando o nosso objeto e objetivo de estudo, metodologicamente, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa que, por suas próprias características, possibilitou-nos o maior envolvimento nosso com o ambiente da pesquisa. Esta abordagem permite a obtenção de dados “[...] no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE e ANDRÉ 1986, p. 13).

Adotou-se inicialmente a pesquisa bibliográfica a qual contou-se com alguns autores, dentre eles: Delmondez (2014), Scanduzzi (2009), Velthem (2010), Radvanski e Bachmann (2013), Grupioni (2006), dentre outros, dando ênfase o desenho como expressão a Cultura Indígena Tenetehara na Educação Infantil na concepção dos professores bilíngues,

Posteriormente foi desenvolvida uma pesquisa de campo buscando constatar como acontece tal situação. O universo da pesquisa de Campo foi uma Pré-Escola indígena da rede pública municipal de uma Aldeia da Terra indígena Bacurizinho, Município de Grajaú-MA, que atende somente alunos indígenas de etnia Guajajara de 3 a 5 anos em três turmas da Educação Infantil, do maternal ao infantil II, totalizando 47 alunos no ano letivo de 2023.

Para ouvir os professores adotou-se a entrevista semiestruturada, um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, pois permite a captação imediata e corrente da informação desejada (GIL, 2008). Esse tipo de entrevista é utilizado para mapear e entender o mundo da vida dos sujeitos pesquisados, fornecer informações para a compreensão das relações entre pessoas e situações, busca uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações delas em contextos sociais específicos (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Caracteriza-se por “[...] se desenrolar a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LÜDKE e ANDRÉ; 1986, p. 34). Com base em tais pressupostos, a entrevista foi desenvolvida por meio de um roteiro elaborado previamente.

Foram respondentes da pesquisa cinco professores. O critério de escolha destes profissionais se deu por fazerem parte do quadro de professores da escola lócus da pesquisa, além de terem mostrado interesse em responder as perguntas da entrevista, por questões éticas e para assegurar a legitimidade da pesquisa os sujeitos serão denominados como personagens da Cultura indígena: Pyra zar (Dono dos Peixes), Ka’a Zar (Dono da mata), Y’ izar (Dono do Rio), Myar wazar (Dono das caças), Tàmuz (ancião).



Portanto, este trabalho organiza-se em seções: iniciando por a história de vida que faz um breve relato de quem sou e de minha experiência como professor indígena bilíngue, apresentando o memorial também através de desenho construído por mim enquanto descrevia as memórias; em seguida apresenta o referencial teórico sobre a temática, destacando, de início uma breve abordagem à Educação Infantil, como base da formação social do sujeito, por seguinte, o desenho como forma de expressão da cultura indígena Tenetehara e sua relevância para educação infantil, até a formação do professor bilíngue e sua importância para o bom desenvolvimento da Educação Escolar Indígena enquanto específica, bilíngue e Intercultural, dando ênfase nas possibilidades de expressão dada às crianças através de atividades com desenho na educação infantil. Dando sequência expõe a realidade local, ou seja, a pesquisa de campo, evidenciando desde o percurso metodológico, campo da pesquisa e caracterização dos sujeitos e desdobrando-se na análise e discussão dos resultados da pesquisa, por último as considerações finais.



1. DOMICIANO GRIGORIO GUAJAJARA (TENETEHARA): MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR

Neste capítulo apresentamos o memorial do pesquisador, utilizando o verbo no presente por retratar no tempo presente parte da minha caminhada desde e infância, ao momento atual, narrativa a partir de uma identidade própria inicial do pesquisador, para depois dialogar com o referencial teórico dando a cientificidade da proposta deste trabalho.

1.1 Minha origem e infância

Sou Domiciano Grigório Guajajara, nascido em 11 de outubro de 1991, na cidade de Grajaú-MA, indígena (Tenetehara) pertencente à etnia Guajajara, residente da Aldeia Bacurizinho, Terra Indígena Bacurizinho. Filho de Luís Neto Gregório Guajajara e Marinez de Sousa Guajajara. Irmão de Deusiran Gregório Guajajara e Dimaria Gregório Guajajara.

Nasci e cresci na Aldeia Bacurizinho, comunidade indígena localizada aproximadamente à 23km de Grajaú. Filho de pais lavradores e pescadores, passei metade da minha infância, como qualquer outra criança indígena Tenetehara da minha idade, numa “aldeia” como é denominado pelos “brancos” (não indígenas) ao se referir à uma comunidade indígena. Minha infância era correr e brincar pelo pátio da aldeia e pelo rio, até que me vi como uma criança que receberia alfabetização iniciada na aldeia. Naquele momento tudo mudou, passei a frequentar uma turma multisseriada, cujo integrantes ia de crianças até jovens e adultos. As aulas eram ministradas por professores Tenetehara, me lembro bem que na minha turma, o ensino era dado pelo cacique Adísio Ribeiro Guajajara, através de um programa ofertado pela FUNAI, (Fundação Nacional do Índio).



Figura 1– vamos estudar nossa língua (zaneze´eg rehe zazemu´e haw)



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A escola, em muitos casos era a mangueira nos quintais das casas dos professores, ou era uma casinha aberta apenas com o telhado de palha, continha um quadro negro, distribuído pela FUNAI, e alguns banquinhos de madeira (tocos, cepos de tronco de pau) feito pelos próprios indígenas. A turma contava com poucos adultos, pois sempre ouvia-se deles que “estudar é pra criança”.

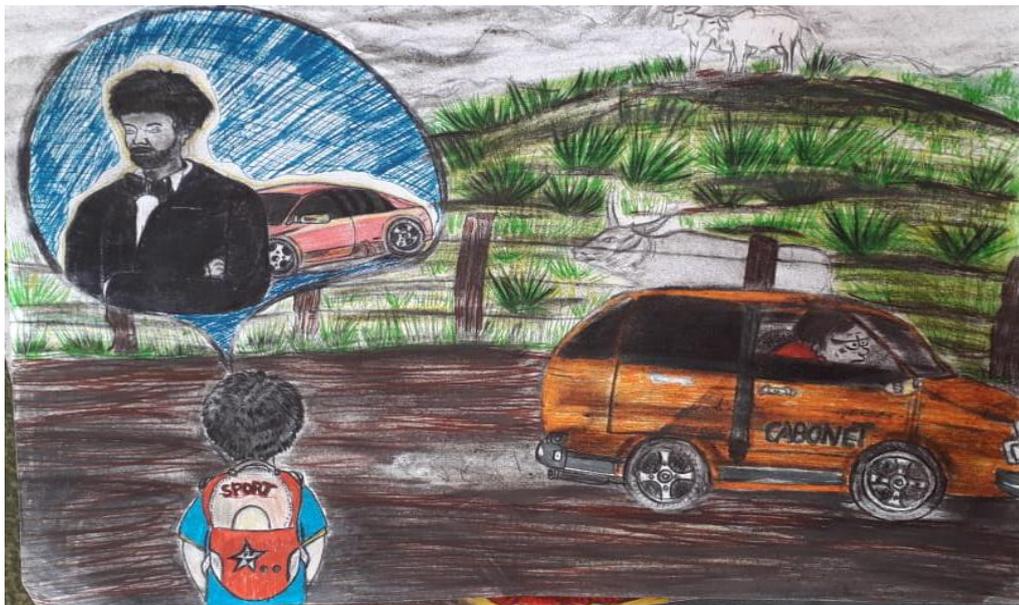
As aulas não eram planejadas, os mais velhos ensinavam o que já sabia aos mais novos, e os conteúdos não correspondia a faixa etária das crianças, o que me deixava bem confuso nas aulas. O auge da aprendizagem era saber escrever seu nome, quando se aprendia fazer o nome os parentes já diziam “ele já sabe de tudo”.

A primeira letra que aprendi fazer foi a letra “i”, mas não entendia o que era, sempre pensava que era um desenho, um menino sem braços e pernas. Achava que escrever era desenhar. Meus pais viviam trabalhando na roça e não tinham tempo para me acompanhar. Quando viam minhas tarefas perguntavam “o que é isso? ”, perceberam que eu não estava aprendendo na aldeia e resolveram me matricular numa escola de “Karaiw” (não indígena). Desde então passei a morar na casa de parentes, totalizando 14 pessoas na mesma casa, na Aldeia Faveira na Terra Indígena Morro Branco, dentro de Grajaú.

1.2 Da aldeia à urbanização da cidade: do sonho de aprender aos desafios que me impulsionaram na vida estudantil

Meu novo lar! Lembro-me bem, uma casinha de palha, havia dois pés de macaúba na frente e o quintal era aberto, com muitas “pedras de jacaré” (pedras grandes meio rochosas) e ficava distante da minha nova escola, agora na cidade. Para chegar no horário na escola éramos acordados, todos os dias às 3 horas da manhã. Meu primeiro contato com a escola da cidade, foi na Escola Municipal Mecenas Falcão. Eu contava carros e motos no trajeto, o que me lembrava desenhos circulares. Foi uma época difícil para mim, tinha que frequentar regularmente, mesmo doente.

Figura 2–Caminhos da Escola (zemu`e haw oho haw)



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Na figura 2 retrata o caminho da escola, onde as imagens e objetos que via durante o percurso me incentivavam a seguir rumo a uma formação superior e conquista dos meus objetivos.

Com o passar do tempo, fui demonstrando avanços na aprendizagem, foi quando os parentes começaram a criar um clima de competição entre nós crianças. Percebi que meus avanços não agradava os donos da casa, que eram as pessoas com quem eu morava, para ter acesso a escola na cidade. No entanto, eles me mantinham lá, porque assim, eles podiam contar com a ajuda do meu pai, para as despesas da casa.

Essa situação se fez por um ano e todas as noites eu chorava, mas suportava pela escola, que já era muito difícil pra mim, porque eu não falava português, um fato que me marcou muito foi o dia em que cheguei na escola, e fiquei esperando

ajuda pra encontrar minha sala, porque eu não conseguia me comunicar bem, só observava e repetia o que a professora passava, por não saber escrever direito e não conseguir me comunicar no português, era constantemente intimidado pelas crianças não indígenas, conforme expresso na figura 3:

Figura 3 – Minha memória da escola (hezemu`e haw hur awer)



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Às vezes me pegava pensando na vida que eu tinha na aldeia dos meus pais, e a vida que estava suportando para que pudesse ter alguma educação escolar. Uma criança inocente, com direito de brincar, fazer amigos, e liberdade de aprender brincando, se fez numa criança repreendida por fazer amigos, punido e castigado a ficar num quarto, olhando para as folhas em branco do caderno. Todos os dias eu ia para a escola imaginando no caminho, que meu pai estava me esperando pra voltar pra casa.

1.3 O desenho como forma de expressão

Me lembro bem, quando tive dengue, senti muita dor e febre, mas ninguém acreditava, diziam que era porque eu tinha brincado muito na escola. Mesmo com tudo que estava acontecendo, eu não quis desistir, durante os dias que estive enfermo, suportava a dor enquanto desenhava, era fazendo desenho no chão, no caderno que esquecia da minha família e das pessoas de quem eu tinha raiva, e esquecia também das minhas dores. Criei um mundo para mim, onde meus amigos eram os desenhos que eu fazia naquelas folhas, era o que me sarava.

Figura 4 – minha origem é meu chão (Hezur haw ur iko)



Fonte: Acervo pessoal (2023)

O ano letivo estava findando e o que eu imaginava, finalmente aconteceu, cheguei da escola e meu pai estava me esperando para me levar de volta para nossa aldeia, numa bicicleta que ele tinha pegado emprestado, voltamos para casa. Finalmente, depois de tanto tempo pude abraçar minha mãe meus irmãos e todos chorávamos juntos.

As férias acabaram e voltei para cidade, mas dessa vez fui morar na Aldeia Coro Seco, e estudava na Escola Frei Benjamim de Borno, que ficava menos distante e meus pais iam me buscar toda sexta para passar o final de semana com eles na aldeia.

Numa manhã eu estava observando o chão molhado da chuva da noite anterior, eu gostava de rabiscar a areia limpa depois da chuva, mas na minha cabeça estavam gravadas as vozes que diziam que eu não podia brincar, foi quando vi minha vó de “consideração” me olhando me chamou de “ IWAK KAIR HAR” (RISCADOR DO CÉU), isso porque minha outra vó falava que não podia riscar o chão, porque quando eu riscava o chão, estava riscando também o céu, e isso deixaria “TUPÀN” (DEUS) irado. As outras crianças tinham medo, mas eu esperava a chuva passar pra riscar o céu de canto a canto com vários desenhos de animais, pra chamar a atenção de “TUPÀN” e imaginava ouvir “TUPÀN” correndo nos riscos que eu fazia, e jogando raios como se fosse uma criança igual a mim.

Figura 5 – Riscador do céu (Ywak kair har)



Fonte: acervo pessoal (2023)

Minha alegria acabava quando voltava a estudar, aprendi a ler e escrever quase que sozinho, na escola consegui alguns amigos e respeito por saber desenhar. Mas uma vez ou outra sofria preconceito por ser Tenetehara, essa discriminação me causava prejuízo como repetir de ano.

Certa vez a professora pediu pra fazer um alto retrato, fiquei feliz porque eu gostava de desenhar, mas só depois de fazer e pintar o desenho que percebi que sentia vergonha por usar a mesma calça “rosa” todos os dias pra ir à escola, porque era a única calça que eu tinha, e me veio à mente “ESTOU VESTINDO UMA CALÇA DE MULHER”, tentava de todas as formas fugir da apresentação, por vergonha, do meu desenho “UM MENINO DE CALÇA ROSA”. Felizmente expliquei a situação para meus pais e eles compraram duas novas calça que “não” rosa.

O desenho na minha vida foi um meio que encontrei para superar todos os momentos ruins, através do desenho pedi o medo, e esquecia o que me fazia sofrer, e até chamava a tenção das “gurias”, mas eu não sabia o que era namorar, achava que tudo era amizade. A arte de desenhar fazia da minha vida, uma explosão de sentimentos, até que uma “guria branca” (menina não indígena), disse que gostava de mim desde a infância, meu amigo ouvindo isso começou a gritar, “ESTÃO NAMORANDO”, mesmo eu não sabendo o que era namorar fui tomado por sentimentos, só pensava nela, e ansiava para o dia amanhecer, para eu ver ela sentada na fila atrás de mim, “tudo era azul agora”. Embora a realidade agora fosse boa, eu já tinha criado um mundo “O MUNDO SECRETO DOS DESENHOS”, que existia no meu caderno, lá eu tinha amigos imaginários e desenhos de minha família, com quem brincava e conversava quando sentia saudade. Esse mundo me ensinava

a escrever e até a cantar, eu tinha muito ciúmes do meu caderno e medo de que alguém descobrisse o mundo que era só meu.

O tempo passou, e mais uma vez passei a estudar numa nova escola, CAIC, era uma escola desejada por todos na época, agora eu já estava morando com meus pais na Terra Indígena Morro Branco, e isso era uma alegria no meu coração, a cacique e chefia Joana Benta Guajajara e as demais lideranças nos concederam um terreno, para que eu pudesse morar e estudar. Mas foi apenas por dois anos; por problemas familiares, meu pai vendeu a terra e retornei para a aldeia de origem, por não ter dinheiro para a passagem, perdi a chance de estudar em São Paulo e Rio de Janeiro, passei no exame de seleção para o Exército da Marinha, na área de engenharia e Odontologia, mas meus pais não aceitaram minha ida.

Cursei o Ensino Médio, vindo da Aldeia Bacurizinho para estudar em Grajaú usando o transporte escolar, que fazia parte de um programa do governo “CAMINHO DA ESCOLA”, que usavam veículos de carroceria como, D20, L200 e F1000. Foi uma época bem difícil pois a Aldeia passava por um período de fome. A nossa família já tinha mais roça, tínhamos apenas um pouco de farinha e arroz e peixe quando íamos pescar. Só podíamos comer às 15:40h da tarde, uma vez só por dia. Um momento que me lembro bem dessa época, foi quando meus irmãos estavam brincando e entraram na casa de uns vizinhos atrás de uma bola, os vizinhos haviam viajado há alguns meses, então meus irmãos acharam uma panela com “pregados de arroz” resto de arroz duro de muito tempo, eles me chamaram e comemos junto. Era difícil, mas nunca desisti da escola, agora eu estudava no período noturno, na escola São Francisco dos Reis, onde concluí o Ensino Médio.

1.4 Magistério e curso superior na UFMA: luzes do conhecimento

Com o Ensino Médio concluído, fiz o curso de Magistério na cidade de Grajaú, com o objetivo de aprimorar os estudos, fiz minha matrícula, que na época custava 15 reais e a mensalidade custava em torno de 25 reais. Estudava apenas nos finais de semana, de 15 a 15 dias, era uma boa oportunidade, mas era difícil para mim ir pela manhã e voltar para a aldeia às cinco da tarde. Acabava voltando para a aldeia a pé, e chegava em casa por volta das 23 horas, e mentia para meus pais, para eles não se preocuparem, dizia que estava na casa de um amigo, ou em um culto “evangélico” na cidade, e que esse amigo tinha me dado carona até a entrada da aldeia.



O fato de não poder contar com os “parentes da aldeia” me deixava triste, pois mesmo podendo pagar passagem, eles se negavam a me levar, e eu estar cursando o magistério era um dos motivos para não me ajudarem, faziam questão de zombar de mim de dizer que eu não ia chegar a lugar nenhum. Isso me deixava muito triste, mas me dava força para continuar, porque eu queria provar que eu era capaz, e desejava cada vez mais fazer curso superior.

Algumas das palavras do meu pai ainda me machucavam, ele sempre me dizia para parar de estudar, pois eu ia ficar louco, que eu deveria trabalhar na roça, porque quem não trabalhava na roça “NÃO ERA HOMEM”. Em resposta eu falava que se eu não estudasse eu ia beber, fumar, e ia me casar. E acabei me casando, foi tudo muito confuso, e logo tive meu primeiro filho, Iarlon Grigor, pouco tempo depois tive uma filha, Iaslanv. Depois disso, arranjei uns trabalhos para desenhar na escola para alguns professores, sem nada em troca, e assim fui enxergando as oportunidades que eu perdi, minha mãe reclamava por eu trabalhava de graça, e tinha uma família para sustentar, e assim passei a recusar quando me pediam para desenhar.

Fui morar na Aldeia Três Passagem, no município de Amarante também no estado do Maranhão, na casa da minha sogra junto com meus cunhados/as, mas levo apenas minha esposa e minha filha, meu filho mais velho morava com minha mãe. Fiz amizade com muita gente na Aldeia e ainda admiro muito, como a cacique Joelma, mulher guerreira, que sabe cuidar do povo, também seu esposo Silvio e outros caciques. Ali recebi a oferta de trabalhar em uma Escola, mas acabei recusando, devido minha mãe estar muito doente. Acabei voltando para Aldeia Bacurizinho.

Comecei a trabalhar como professor com uma turma da Educação Infantil em casa em 2016, no ano seguinte mudei de escola, mas continuava trabalhando em casa, pois as salas de Educação Infantil, eram nas próprias casas dos professores. Em razão da profissão, sempre participava de cursinhos e formação continuada. Trabalhava durante a semana Aldeia Bacurizinho, e cursava administração nos fins de semana, mas parei esse curso para então ingressar no curso de Pedagogia particular, que também não conclui por um bom motivo.

Felizmente fui informado de umas inscrições para professores da educação básica e assim, fui até o Campus da UFMA aqui em Grajaú e na Sala acolhedora da coordenação Local do PARFOR, recebi todas as informações sobre o Programa de Formação de Professores Da Educação Básica – PARFOR, sendo este um programa emergencial criado para permitir a professores em exercício na rede

pública de educação básica o acesso à formação superior exigida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e potencializou ainda mais meu desejo. Assim, fiz meu cadastro no Site da Plataforma Freire e após todos os tramites do Edital de matrícula da UFMA, sou contemplado com a oportunidade de ingressar no Curso de Pedagogia pelo programa PARFOR, na Universidade Federal do Maranhão, em Grajaú, agarrei essa oportunidade, ainda estou nesta jornada que será coroada com a defesa deste trabalho. Aprendi que sofrer faz parte da caminhada, que os erros nos completa e nos estrutura.

Durante o curso tive muitos desafios, e dificuldades como a de estar presente em todos os encontros, realidade que enfrentei para fazer o Estágio Supervisionado em Formação de Formadores, pela UFMA, pois a gestão da minha escola não admitia que eu faltasse para realizar o estágio, uma das razões era por ser professor bilíngue. Mas ainda sim realizei o Estágio, numa escola da cidade, e me recordei do passado porque lá estudava muitos alunos indígenas.

Figura 6: Guerreiro de alma vermelha (Awa pyràg ma'e)



Fonte: acervo pessoal (2023)

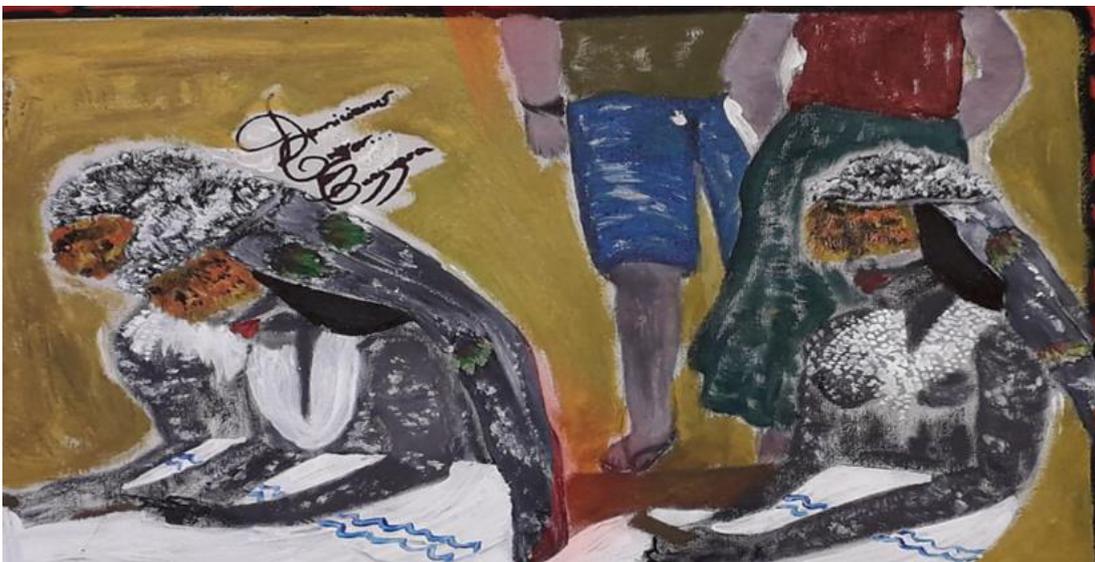
Hoje sou Domiciano Grigorio Guajajara, formando em Pedagogia pela UFMA, “indígena (Tenetehara), professor bilíngue e casado com Maria Tereza Aurora Guajajara, pai de dois meninos, Iarlon Aurora Grigorio Guajajara , Ikayruwã Aurora Grigorio Guajajara e duas meninas, Iaslany Aurora Grigorio Guajajara e Iarleny Aurora Grigorio Guajajara. Não me tornei nenhum “cara” importante, com nenhum cargo importante na alta sociedade, mas sou feliz com o que tenho, E SOU Grato à

TUPÀN (DEUS) por tudo. Sou apaixonado por todas as mulheres desse mundo, por serem Guerreiras, Heroínas, Lindas, Belas Obras de Arte de Deus, feitas para brilhar como estrelas na terra.

Aqui estou eu, digitando minha história, onde deixo a público, o que pode ser exposto, para que conheçam um pouco de mim. Passei por dor, sofrimento, alegrias, e paixões insanas, preconceito, conquistas e rejeição. Meu mundo é movido pelo prazer de fazer desenhos, que desde a infância foi meu escape, em busca da sobrevivência e Educação. Meu plano para viva é viver tudo aquilo que TUPÀN (Deus) me permitir.

Gostaria de contar detalhes da minha história aos meus caros apaixonados (as) leitores (as), há coisas que queria muito contar e cantar, coisas fortes, mas sou impedido pelos meus sentimentos ainda, feridos, cansados, rejeitados más em breve na “história proibida “escreverei, detalhes por detalhes, más sou obrigado por mim a ocultar-lhes ainda. Mas por onde passei deixei minhas marcas de desenhos.

Figura 7: Expressão da cultura (Zane ma'e mume'u haw)



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Finalizo meu relato dizendo que, o desenho na vida da criança é uma porta para expressar sua visão de mundo, conhecer histórias e culturas, assim como representar os traços de cada pessoa com quem convivem. Um convite a serem crianças criativas, críticas. Base do processo de aprendizagem e do desenvolvimento evolutivo de cada criança, desenvolve coordenação motora e interesse pela leitura, e meio pelo qual a criança expressa seus sentimentos e registra sua história cultural, lendo o mundo através dos desenhos.

2 O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em meio as diversas formas de expressão do povo indígena Tenetehara, o desenho se destaca como um dos principais instrumentos para a expressão da própria cultura dentro da educação formal, o que não se faz diferente dentro da Educação Infantil. Neste sentido, apresentamos neste capítulo como o desenho como forma de expressão da cultura, desenvolve a aprendizagem de crianças que correspondem a etapa da Educação Infantil. Sendo portanto, o capítulo teórico deste estudo, assim, está dividido em tópicos, para melhor entendimento do estudo realizado.

Cada tópico, busca complementar o conhecimento do leitor em relação a cultura indígena Tenetehar, ao mesmo tempo que traz o desenho como recurso pedagógico. Considerando esta finalidade tratamos primeiramente do desenho na Educação Infantil, para então entender a linguagem do desenho na educação infantil como forma de expressão da cultura tenetehara, o que consequentemente reflete na formação do professor bilíngue para atuar nesta etapa da educação. Para melhor entendimento do leitor desta pesquisa e buscando uma maior proximidade com a realidade do povo indígena Guajajara, a quem se refere esta pesquisa, apresentamos alguns desenhos da etnia.

2.1 O desenho na educação Infantil

O desenho é uma ação presente no mundo da criança, um aspecto importante de seu desenvolvimento e forma de manifestação e representação, assim, indispensável na Educação infantil.

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, oferecida em Creches e pré-escolas, podendo ser pública ou privadas que visam educar e cuidar de crianças de 0 a 5 anos, é ofertada em período diurno, com horários regulados e supervisionados por órgãos competentes, sendo dever do Estado ofertar educação infantil de qualidade, pública e gratuita a todos”, enquanto a criança “é um sujeito histórico e de direitos que constrói sua identidade pessoal e coletiva, mas suas relações, interações de seu cotidiano, observa, pensa, aprende e imagina, reproduz e produz cultura (BRASIL, 2010, p.12).

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos de toda criança como sujeito social. Ao que se referem às crianças indígenas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil dizem que as propostas pedagógicas devem:



Proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo; Reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças; Dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas socioculturais de educação e cuidado coletivos da comunidade; Adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena (BRASIL,2010, p 23).

Neste sentido, todas as atividades pedagógicas na abrangência de crianças indígenas devem incentivar e proporcionar o contato com sua cultura e língua materna, bem como considerar a educação informal como meio de produção de aprendizagem que deve ser também exercida em sala de aula. Portanto, dá-se a importância dessa educação ser ofertada em comunidades indígenas, com professores indígenas e que atente para a construção comunitária do currículo, atendendo as especificações de cada povo indígena.

Sabemos que o desenho é uma forma de expressão, o que não é diferente quando nos referimos a cultura indígena. Desde os primórdios o desenho sempre foi visto como uma forma de linguagem expressiva que conta muito mais que um contexto histórico de um povo, além de histórias, os desenhos expressam sentimentos, protestos e cultura.

É importante dizer que assim como expressão da cultura o trabalho com desenho na educação infantil, deve também respeitar os níveis de aprendizagens e de desenvolvimento da linguagem das crianças que se encontram nesta etapa da educação. Cabe observar que , esta linguagem infantil que cabe no período de dois a sete anos, se mostra “espontânea ou é provocada e que de acordo com Piaget (1999. p. 25-27) pode se evidenciar três grandes categorias. Assim,

Em primeiro lugar, existem os fatos de subordinação e as reações de coação espiritual exercida pelo adulto sobre a criança. Com a linguagem a criança descobre as riquezas insuspeitas de mundo de realidades superiores a ela; seus pais e os adultos que a cercam lhe aparecem já como seres fortes, como fontes de atividades imprevistas e misteriosas.[...]. Em segundo lugar, existem todos os fatores de troca, com o adulto ou com outras crianças. Essas intercomunicações transformam as condutas materiais em pensamento[....] Daí uma terceira categoria de fatos: as crianças não falam somente as outras, fala-se a si própria, sem cessar, em monólogos variados que acompanham seus jogos e sua atividade.[...].

Considerando este fato sobre a o desenvolvimento da linguagem da criança, é interessante observar que toda forma de linguagem surge da observação, das relações sociais, assim como também emite a representação que a criança tem sobre o meio ao qual a cerca. É neste sentido, que se estabelece o trabalho com desenho como forma de expressão da criança, pois esta é uma das maneiras viáveis para a criança se comunicar e expressar o mundo de realidades que ela



mesma julga superior ao seu próprio conhecimento. Sendo, portanto, de grande relevância, o docente está atento ao desenvolvimento e fixa etária da criança, para que assim possa explorar sua imaginação assim como entender sua representação do que é real.

Quando a criança deixa florescer sua imaginação ela se conecta a esse mundo no qual só podemos ter acesso através dos desenhos que a criança produz de forma natural e espontânea. Ao falamos de educação indígena essa prática está presente para além da escola, é uma prática comunitária que se desenvolve no pátio da comunidade, nas produções de artesanatos e registro da própria história indígena e suas manifestações culturais.

De acordo com Hanauer (2013), “pode-se pensar o desenho como linguagem universal, que possui convenções pertencentes à sociedade e à cultura e perpetua diferentes gerações, cada qual com suas singularidades, dotada de historicidade”, neste sentido, trazer o desenho para dentro da educação escolar como instrumento e estratégia metodológica de ensino aprendizagem, implica em trazer para a sala de aula possibilidade de a criança vivenciar a própria cultura e se expressar por meio dela. Uma ama vez que cultura pode ser definida como o conjunto de costumes, crença e forma de organização de um povo, a cultura indígena toda forma de organização referente a determinado povo étnico.

O desenho é uma ferramenta de suma importância para o registro da história e cultura indígena Tenetehara, na produção de livros e ilustração das práticas culturais das comunidades, assim também para perpetuação da cultura Indígena no âmbito escolar, principalmente na Educação Infantil, quando as crianças ainda não desenvolveram a habilidade de leitura dos signos da escrita, neste caso, o desenho permite que a criança tenha um contato com a cultura a qual faz parte, bem como da formação de sua identidade étnica, pois, desenhando a criança manifesta o registro de suas emoções.

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

O desenho na cultura indígena é mais que uma habilidade artística, é um meio pelo qual os indígenas podem estabelecer uma conexão com sua



ancestralidade e mitologia, uma ponte para um contato com a espiritualidade, assim como uma forma de expressão, não é só uma imagem, uma pintura, é uma linguagem, uma forma de fala, de registro de sua existência.

Quando a criança faz uma leitura dos desenhos que compõe o registro de uma mitologia indígena, ela consegue definir o contexto em que a história se desenvolve, seus personagens e a cultura a qual pertencem, e em muitas vezes conseguem estabelecer uma identificação com os personagens apresentados, ou até mesmo, relacioná-los a “parentes” de seu grupo familiar.

Ao desenhar, a criança realiza um registro da sua visão de mundo, e reafirma sua opinião sobre algo de si, e sobre algo de seu meio social, como uma forma de mostrar ao mundo o que ela sente. Sendo difícil expressar -se oralmente, a criança usa o desenho para comunicar- se com o mundo. Ao tentar ilustrar uma história contada pelo professor na sala de aula, a criança demonstra sua sensibilidade em relação aos acontecimentos da história, destacando a parte da história que ela mais se identificou.

Tornando a comunicação professor – aluno mais viável e divertido. Santos, Radvanskei, Bachmann (2016, p.155), fazem a seguinte observação:

A criança já desde pequena observa o ambiente que está inserida, e mesmo antes de aprender escrever, tem contato com as letras e palavras no seu cotidiano, nos textos da televisão, computador, propagandas e tudo mais que está em sua volta. E entretanto, é a alfabetização a fase de extrema importância, onde a criança estará ainda mais inserida na sociedade, uma vez que com a aquisição da leitura e Escrita há uma nova visão do mundo em que vive, tendo a possibilidade de se Comunicar através da escrita e expressar o que sente, assim como fazia no Desenho.

Neste sentido entendemos o desenho como um passo para a alfabetização escrita da criança, onde ela passa a compreender que além de imagens e desenhos, a escrita também é uma forma de comunicação e expressão. Portanto o desenho passa a ser um ponto de partida para o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita da criança na educação infantil, uma vez que antes da criança fazer uma leitura das letras alfabéticas, ela primeiramente faz uma leitura do desenho que ilustra a inicial destacada.

Read (2001) afirma que o desenho é um modo de expressão da criança e pode ser considerado um processo mental. É também através do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento.

Por meio do desenho ilustrativo a criança passa a relacionar a letra escrita ao som pronunciado, facilitando sua identificação posteriormente. Mas não podemos



nos limitar somente ao desenvolvimento da escrita alfabética, o desenho também desenvolve na criança outras habilidades, como o fazer artístico.

Na cultura indígena Tenetehar, o desenho é também, visto como um incentivo para a produção de artesanato, a partir do despertar para o fazer artístico. As atividades em sala de aula de escolas indígenas, se desenvolvem por meio de desenhos ilustrativos como forma de linguagem; no âmbito comunitário as peças artesanais e as próprias vestes ornamentais, usadas nas manifestações culturais e ritos, são compostas por desenhos expressivos e significativos, que contam histórias e representam o respeito à ancestralidade, cada traço, cada cor, cada forma corresponde à um determinado momento, à uma determinada festividade, à um determinado protesto.

2.2 A linguagem do desenho na educação infantil como forma e expressão da cultura indígena

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica, é quando acontece o primeiro contato da criança com a escola, nesse momento que se faz indispensável para a formação pessoal e social da criança, é dada à escola, o papel de proporcionar à criança o contato com diversas formas de linguagens e letramentos de forma significativa. Abrindo espaço para que a criança também se expresse por meio de sua própria forma de expressão.

Nesta etapa da educação o desenho se torna um dos principais meios de expressão e comunicação aderido pelas crianças, portanto nessa fase da infância o desenho é considerado mais do que rabiscos resultantes do imaginário e passa a compor uma linguagem. É um ponto inicial para o desenvolvimento de vários outros aspectos da aprendizagem como coordenação motora, cognição e colabora significativamente para a alfabetização, já que nas atividades que envolvem o desenhar, os educandos se sentem livres e confortáveis para expressar -se.

É na educação infantil, primeira etapa do ensino, que a criança demonstra emoções a partir de seus atos, e uma das principais formas de demonstrar sua percepção de mundo é pelo desenho. Assim, se o profissional reconhecer a importância dessa forma de expressão e como avaliar e promover o seu estímulo, o desenvolvimento da criança poderá ser mais significativo (SANTOS, RADVANSKEI, BACHMANN, 2013, p.148).

Torna-se indispensável que o professor também reconheça a importância do desenho infantil tanto para a criança como para o desenvolvimento do ensino



aprendizagem correspondente a etapa da educação em que os sujeitos se inserem. Assim, destacamos a suma importância de o professor estar também preparado teoricamente de forma crítica-reflexiva, para a análise e leitura pedagógica dos desenhos produzidos e não os resumir a simples rabiscos. Ao que se refere a esta fundamentação teórica sobre a prática Freire (1996, p.11) diz que “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”, sendo a reflexão sobre a prática pedagógica com desenhos, indispensável para a concretização da aprendizagem da criança na educação infantil.

É necessário que o professor consiga avaliar de forma crítica e reflexiva o desenho e suas diversas expressões e relacioná-los com o nível de aprendizagem alfabética de cada criança, respeitando a individualidade de cada educando e sempre promovendo o estímulo, seja através de atividades lúdicas, recreativas ou por projetos didáticos. “Estimular o desenho pode ser fundamental por parte dos educadores/docentes” (SANTOS, RADVANSKEI, BACHMANN, 2013, p.148). E isso se faz cada vez mais importante quando falamos de uma criança indígena, que desde muito cedo, mantém contato com a arte expressiva da cultura a qual pertence. O que as torna um desafio maior ainda ao professor, que deve manter a criatividade para que a criança não perca o interesse em relação as atividades propostas em sala.

O desenho pode ser classificado como um fenômeno cultural, fonte de linguagem, pois está presente em todos os povos, desde O início da civilização, constituindo uma representação da vida. A prática do desenho é parte da vida e a criança que desenha vivência descobertas, extrapola ideias e pensamentos, é feliz (HANAUER, 2013, p.76).

Considerando a realidade das crianças indígenas, é possível afirmar que a prática de desenhar, de registrar traços num caderno ou no chão promove a criança uma vivência da sua própria imaginação, ação pela qual ela se expressa, e se comunica. Quando a criança desenha traços que dizem respeito a acontecimentos, histórias mitológicas de sua cultura, ela está formando sua identidade.

Quando o professor promove atividades que envolvem contação de histórias e ilustração, ele estimula a criança a pensar, a imaginar uma realidade diferente ou próxima a sua, ou seja, permite que ela adentre a um campo de



experiência de uma nova aprendizagem que de acordo com Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao que se refere à Educação Infantil diz que,

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio nacional (BRASIL,2018, p.40).

Nesse sentido, a criança ao ouvir e ilustrar ou criar uma história baseada em desenhos, ela não só conta sua cultura, mas também à uma diversidade de outras experiências, seja outras realidades, outras práticas culturais e tem a oportunidade de se relacionar com outros sujeitos de meios diferentes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também nos apresenta os campos de experiências possíveis de se vivenciar de acordo com as atividades desenvolvidas, em relação às atividades com desenhos, destacamos os seguintes campos, o eu o outro e o nós.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio [...] (BRASIL,2018, p.40).

Ao professor compete criar oportunidades que oportunize às crianças o contato com a diversidade cultural e social, incentivando-as a participar ativamente de cada experiência para que então, por meio desse contato possam ampliar suas percepções de si mesmas e dos outros, de forma que entenda, e valorize a singularidade de cada sujeito e percebam que, o que permite a construção de cada identidade é a diferença e especificidade de cada um, e isso torna-se ainda mais significativo quando nos referimos à crianças indígenas que por naturalidade possuem uma língua própria e processo próprio de aprendizagem, que está presente em todas as situações de seu meio comunitário.

É nesse campo de experiência que a criança indígena constrói seu conhecimento sobre a cultura que não é sua e passa entender que as diferentes formas de organização social diferente da sua, também é produtora de conhecimento, conhecimento este que é também essencial para sua formação como sujeito que compõe uma sociedade nacional, sem abandonar sua identidade étnica.



Outro campo de experiência que o trabalho com desenho nos proporciona é o de traços, sons, cores e formas.

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. [...] (BRASIL, 2018, p.41).

Conforme consta na BNCC acima, as atividades com desenho não só estão relacionadas à uma estética, mas também à uma expressão, uma linguagem assim como o gesto e a fala. Quando trazemos o desenho com um cunho pedagógico, permitimos que a criança se expresse, e desenvolvam um senso crítico diante das diferentes situações de seu dia a dia.

O desenho também uma é uma linguagem por meio da qual as crianças indígenas se expressam em relação à outras culturas e grupos sociais, por meio de traços e cores o povo indígena Tenetehar se manifesta, se pronuncia e se impõe diante das suas lutas, seus protestos e manifestações. O mesmo acontece com as crianças quando produzem seus próprios traços, ao desenhar estabelecem uma relação de comunicação com seu interior, imaginário, sentimento e sua realidade exterior, o que vê em suas relações cotidianas.

Não podemos estabelecer uma regra para as formas, traços e cores que a criança registra no papel, na parede, num quadro ou mesmo no chão, pois devemos reconhecer que ela é um ser individual que produz em grupo, de forma singular, e podemos observar essas especificidades quando contamos a mesma história numa sala de aula e pedimos que cada criança registre com desenho o personagem principal da história contada, ao analisar o desenhos iremos notar que cada criança desenhou de uma forma diferente, com uma cor diferente e em muitos casos acrescentam ao seu personagem características relacionadas a sua própria vivência. Isso por quê o desenho não se limita a uma representação de algo ou de algum objeto, mas se amplia as vivências, aos sentimentos e diversas formas de linguagens e comunicação.

Através do desenho se registra os a história, a cultura e língua de um povo originário, assim como sua arte, ritos e crenças. Dá-se a importância de se trabalhar



todos esses aspectos que envolve o ensino por meio de desenho quando nos referimos à educação escolar indígena. Pois a história ilustrada ou a produção da ilustração da história contada, permite uma aproximação da criança com sua realidade e a incentiva a produzir partindo de sua imaginação e opinião sobre algo relacionado ao seu meio social e, a se posicionar, buscando a resolução de problemas cotidianos que envolvem suas relações pessoais, construindo uma visão crítica e reflexiva do mundo em que vive e sobre si mesma, construindo sua própria identidade social e cultural, que de acordo com Freire(1996, p. 24)

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isso que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo.

Neste sentido, podemos ressaltar a necessidade de valorização da identidade cultural em que os educandos se inserem quando nos referimos ao fazer pedagógico, e que seja feita com respeito as diferenças e a individualidade de cada envolvido, e que seja, neste sentido trabalhado e cativado a valorização da diversidade e dos conhecimentos culturais em todo o processo educativo. De forma que por meio do desenho o educador estabelece uma proximidade entre sentir pensar e fazer cultural, dando a oportunidade de expressão de si mesmas às crianças.

2.3 Formação do Professor Indígena Bilíngue

O professor indígena bilíngue é o profissional responsável por desenvolver uma educação bilíngue e principalmente quem promove o estudo e ensino da língua indígena oral e escrita nas escolas indígenas. Portanto, antes de iniciarmos a discussão sobre a formação do professor indígena bilíngue, faz -se necessário entendermos a Educação Escolar Indígena que com a promulgação da Constituição Federal de 1988, passou a ser específica, diferenciada, bilíngue e Intercultural.

É interessante ressaltar que educação indígena e educação escolar indígena, são dois termos distintos em suas definições, mas que se complementam. Ao que se refere à educação indígena, Grupioni (2006, p 16-17) destaca a definição sugerida por Meliá (1979) e diz que quando falamos nesta educação “estamos nos referindo aos processos educativos tradicionais de cada povo indígena. Aos processos nativos de socialização de suas crianças”. ou seja, são todas as



atividades que fazem parte do dia a dia, que o ocorrem naturalmente no pátio da aldeia, no seio familiar, sem a necessidade de uma escola para sistematizar o ensino e a aprendizagem.

Somente com a inserção da escola nas comunidades, instituição imposta por não indígenas, se passou a pensar numa educação escolar, que tivesse como ponto principal o desenvolvimento do conhecimento cognitivo e científico da sociedade não indígenas. De acordo com Meliá (1979), foi dessa necessidade de contato com a escrita, a matemática e outros conhecimentos oriundos da sociedade não indígena que se deu origem a Educação Escolar Indígena. E é dentro desta educação escolar que o professor bilíngue atua, como profissional da Educação.

Scandiuzzi, (2009), reconhece que cada povo constrói, historicamente, formas de educar e socializar seus descendentes, ancorando-se nas tradições que garantem sua continuidade como povos diferenciados. Nessa perspectiva, o professor bilíngue tem como objetivo manter a identidade, a continuidade e preservação de sua cultura, através dos descendentes indígenas.

Delmondez e Cvasin (2014, p.11) dizem que: “A globalização é o cenário no qual se dá a fragmentação, a emergência e a produção das identidades e produzem impactos sobre as identidades culturais”, ou seja, a escola é impactada diretamente com o processo de globalização e os problemas advindos de tal impacto refletem no processo-ensino-aprendizagem do aluno e, conseqüentemente na identidade, língua, costumes e cultura dos alunos, principalmente de povos indígenas e afrodescendentes. O professor nessa perspectiva, assim como todos os profissionais da área da educação, é responsável por disseminar a semente do respeito e da transformação social, plantando conhecimento, fortalecendo valores culturais.

A percepção da importância de que a escolarização formal de alunos indígenas fosse conduzida pelos próprios índios começou a se instalar, no Brasil, somente a partir da década de 70,[...] (GRUPIONE, 2006, p.23). Somente a partir dessa percepção que se iniciou no Brasil a implementação de projetos não governamentais que visasse a formação do professor indígena. Ao se referir a esta formação, Grupione, (2006) mais uma vez nos leva a analisar o seu processo, ou seja, em que circunstâncias essa formação é oferecida e qual seu real objetivo.

Por outro lado, os programas para o Magistério Indígena destinam-se a formar um tipo de professor que, na maior parte dos casos, já atua na escola de sua comunidade e tem pouca experiência de escolarização formal: ele sempre traz em sua bagagem um amplo domínio dos



conhecimentos acumulados por seu povo, mas seu conhecimento sobre os nossos saberes acadêmicos é restrito.[...] (GRUPIONI, 2006, p.25).

Isso, nos remete a pensar em como essas formações podem contribuir para uma educação, que além de bilingue, deve ser intercultural. Para o alcance dessa interculturalidade o professor indígena bilíngue ao iniciar o trabalho numa instituição escolar indígena, deve se preocupar em criar todo um planejamento de desenvolvimento de suas atividades na escola a qual está inserido, este planejamento abrange desde plano de ensino a conteúdo a serem desenvolvidos, até mesmo a adaptação dos materiais didáticos, uma vez que a produção de material didático específico é extinta.

Destacamos também a importância dessa formação oferecer aos professores indígenas o contato com o conhecimento científico de comunidades não indígenas. Para que este possa exercer a formação de seus educandos contextualizando as diversas culturas de nossa sociedade nacional.

De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de junho de 2012 que as define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, da Sessão II, Dos professores indígenas: formação e profissionalização, em seu Artigo 19 “A qualidade sociocultural da Educação Escolar Indígena necessita que sua proposta educativa seja conduzida por professores indígenas, como docentes e como gestores, pertencentes as suas respectivas comunidades ”, assim não basta apenas ser professor indígena, mas essencialmente pertencer a comunidade em que a escola se insere, pois só assim poderá ter um melhor aproveitamento das aprendizagens a serem desenvolvidas pedagogicamente no âmbito escolar. Por seguinte a referida Resolução destaca a importância do professor indígena para a educação escolar indígena e como este pode contribuir com o desenvolvimento estudantil e comunitário, nestes aspectos destacamos a relevância da formação para a concretização da educação garantida na Constituição Federal de 1988.

§ 1º Os professores indígenas, no cenário político e pedagógico, são importantes interlocutores nos processos de construção do diálogo intercultural, mediando e articulando os interesses de suas comunidades com os da sociedade em geral e com os de outros grupos particulares, promovendo a sistematização e organização de novos saberes e práticas (CNE/CEB nº 5, 2012).

A importância do professor indígena bilíngue, não está restrita a área pedagógica, seu papel de mediador compete a todas as áreas de socialização que



envolvem as questões indígenas, não se limita um cargo escolar, é visto amplamente como um suporte de interlocução em diversos momentos que a comunicação com não indígenas se faz necessária.

§ 2º Compete aos professores indígenas a tarefa de refletir criticamente sobre as práticas políticas pedagógicas da Educação Escolar Indígena, buscando criar estratégias para promover a interação dos diversos tipos de conhecimentos que se apresentam e se entrelaçam no processo escolar: de um lado, os conhecimentos ditos universais, a que todo estudante, indígena ou não, deve ter acesso, e, de outro, os conhecimentos étnicos, próprios ao seu grupo social de origem que hoje assumem importância crescente nos contextos escolares (CNE/CEB nº 5, 2012).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena abordam como exigência, a formação de professores e gestores como prioridade para que então haja a consolidação da educação escolar indígena de forma efetiva. Assim define em seu Artigo 20 que:

Formar indígenas para serem professores e gestores das escolas indígenas deve ser uma das prioridades dos sistemas de ensino e de suas instituições formadoras, visando consolidar a Educação Escolar Indígena como um compromisso público do Estado brasileiro.

§ 1º A formação inicial dos professores indígenas deve ocorrer em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais ou complementarmente, quando for o caso, em outros cursos de licenciatura específica ou, ainda, em cursos de magistério indígena de nível médio na modalidade normal (CNE/CEB, nº 5, 2012).

A dificuldade se encontra na concretização dessas garantias, ou seja, na prática. Isso se vivencia principalmente quando consideramos a realidade em que esta pesquisa se desenvolve. A maioria dos professores atuantes nas escolas indígenas possuem apenas a formação comum de qualquer profissional da educação. Por esta razão atentamos para a baixa oferta de cursos superiores específicos e licenciaturas interculturais para professores desta região. De forma que as consequências dessa realidade refletem nos resultados obtidos da educação escolar, na formação dos educandos e principalmente no desenvolvimento da alfabetização e letramento das crianças indígenas que compõe a educação infantil.

Na concepção dos professores bilíngues, essa deficiência não pode ser superada pela metodologia pedagógica de referência no ensino por meio do desenho, mas acredita-se que de certa forma, o desenho abre um caminho para a comunicação entre professor, aluno e cultura, abrindo espaço para a introdução da escrita alfabética. Através da produção do desenho, as crianças adquirem maior



intimidade com lápis facilitando o desenvolvimento da coordenação motora e instigando a criatividade dos educandos. Assim o desenho,

Trata-se de uma das mais importantes formas de expressão da criança que ainda não domina a linguagem escrita, onde através de riscos e diversos movimentos ao desenhar, busque o controle do seu próprio corpo, sendo capaz de exercitar habilidades através da qual irá desenvolver os níveis afetivos e cognitivos, objetivando uma alfabetização agradável, trabalhando a coordenação motora e sua capacidade de atenção e concentração [...] (RABELO JUNIOR, OLIVEIRA E RIBEIRO 2016, p, 2).

Assim, entendemos que, a formação docente se faz indispensável para o exercício de uma educação de qualidade, ainda que a educação nas comunidades indígenas considere essencialmente as próprias vivências e saberes adquiridos tradicionalmente.

Essa é mais uma razão pela qual os professores bilíngues inserem na educação uma pedagogia por desenho, pois ao que se percebe é uma oportunidade dada a criança que não domina a leitura e escrita alfabética, de realizar a leitura de mundo através das imagens que vê e produz ao combinar traços e cores na elaboração de um desenho, prática que faz parte de seus momentos diários de forma natural e espontânea. Ao ler um desenho que uma criança produz, o professor tem a possibilidade de conhecê-la e percebê-la em diferentes momentos e acompanhar os diferentes níveis de sua aprendizagem.

Todos os materiais organizados, pensados e laborados pelos professores indígenas são referentes à cultura local, a mitologia e história de seu próprio povo, no entanto, esses materiais não são reproduzidos o que acaba limitando a ação docente. O que há na realidade é a adaptação dos conteúdos dos livros didáticos que configuraram o indígena de forma marginalizada e quase surreal.

Neste sentido ao trazer uma história indígena ilustrada para a sala de aula, faz com que as crianças se percebam como sujeitos reais, que tem um lugar na sociedade, e não meras figuras representativas. Os desenhos produzidos durante as aulas abrangem desde traços, à representatividade de algum personagem histórico, ou de elementos que compõe a fauna e a flora, tais desenhos nos permite ver como as crianças percebem a natureza, o sujeito e a si mesma.



2.4 Conhecendo alguns tipos de desenhos da cultura indígena Tenetehara

O povo indígena de etnia Guajajara abrange uma grande porcentagem do território maranhense, que se organizam em uma gama de territórios denominados Terra Indígena (TI), podemos citar dentre elas, Araribóia, Morro Branco e Bacurizinho,(SCHRÖDE,2001) . É importante dizer que da mesma forma em que a língua portuguesa se modifica ao ser pronunciada em diferentes regiões do Brasil. A língua indígena Guajajara também sofre suas modificações, assim como os desenhos e formas de organizações das comunidades indígenas, os adereços e ornamentos também são produzidos de acordo com as características específicas de cada povo.

O desenho e a pintura de suma importância para a promoção da cultura local, desde os desenhos feitos pelas crianças até o grafismo e pintura corporal. Em relação a arte indígena, a qualidade estética constitui para os povos indígenas a natureza ou essência de sua própria humanidade, assim como um meio para o armazenamento e transmissão de informações compartilháveis segundo uma lógica compreendida pelo artista e grupo ao qual pertence (VELTHEM, 2010).

Quando nos referimos ao povo indígena Guajajara, podemos identificar na pintura corporal, traços semelhantes a marcas de uma onça. No entanto este não é o único traço que compõe o grafismo dessa etnia, e podem representar a conexão existente com a ancestralidade de guerreiros figuras históricas, assim como podem também fazer uma referência aos animais e espíritos da floresta.

As manifestações artísticas dos povos indígenas são baseadas na sua própria cultura, como uma forma de recontar a história, essa ação está presente a todo momento, nas manifestações culturais, nas moradias e na própria organização comunitária. É um marco da presença e identidade de cada povo, e um dos principais meios para essa manifestação é o grafismo, pois de acordo com (RIBEIRO, 2012, p, 21) “O grafismo indígena é uma parte importante no processo cultural e está presente nas pinturas corporais, não somente como um acréscimo à beleza estética, mas também de significados sociológicos e religiosos. ”



Figura 8: Cantor Tenetehara



Fonte: Zannoni (2021, p.94)

Cada manifestação cultural, ou seja, cada rito e representação ou identificação de cada personagem implica numa pintura específica. Como por exemplo, a festa de moqueado, em que cada sujeito adere a uma pintura diferente, nesta ocasião, os caçadores, as meninas moças e outros participantes seguem um traço, linha e forma diferente de pintar o corpo. E se destaca a relevância da responsabilidade de quem pinta. Assim, Barros, Silva e Silva (2021), apontam que,

Para o ritual, os Guajajara ostentam dois tipos de padrão de pintura, o que forma os motivos gráficos e o que apresenta coberturas densas escuras (oriundas da aplicação do jenipapo que deixa um tom azulado escuro, quase negro) em extensões no antebraço, canela, rosto e palma das mãos. Em alguns momentos os braços e pernas são completamente cobertos pela nódoa do jenipapo em festas e momentos especiais, que alguns indígenas dizem trazer força dos ancestrais (BARROS, SILVA e SILVA, 2021, p, 162).

Assim a pintura Guajajara expressa muito mais que arte, é uma forma de resistência e valorização de sua própria cultura, e principalmente respeito a sua ancestralidade. Por meio de seu grafismo, traços e cores expõem sua identidade, e práticas culturais e sua resistência no mantimento de sua forma própria de organização e crença.

As visualidades dos Guajajara os reafirmam como reconhecedores de suas potencialidades culturais, bem como sabedores da importância da manutenção de suas tradições e resguardo de sua cosmologia para a sobrevivência do seu povo e território, não somente a sobrevivência no sentido econômico pautado no oportuno caráter de divulgar, mas na manutenção de suas práticas existenciais ancestrais (BARROS, SILVA e SILVA, 2021, p, 163).

Neste sentido, entendemos que a pintura corporal, “o grafismo”, é de grande significância, uma vez que como os demais sujeitos, as crianças também estão conectadas com ancestralidade, sendo elas herdeiras dos saberes historicamente acumulados pelo povo a qual pertencem. É como se o desenho expresso no corpo, fosse o reflexo do sentimento, do corpo da criança, e representação daquilo que ela é ou deseja ser, portanto ao desenvolver esse trabalho, nosso foco é ressaltar a relevância do professor trabalhar o desenho e a pintura, além de uma reprodução dos conceitos criados pela sociedade ocidental. Assim como a significação do desenho para os povos indígenas, essa prática deveria ser um ato de conexão, de contextualização e principalmente “voz”. Ensinar uma criança o significado de pintar o corpo, de usar um “koka”, de manejar um “maracá” através de uma gravura, é mais que uma educação artística é uma Educação para além dos muros da escola. É prepará-lo para a vida. A seguir destacamos alguns grafismos usados na cultura Guajajara.

Figura 9: grafismo corporal, onça pintada e surubim



Acervo pessoal (2023)

Os desenhos representados nas pinturas corporais mostradas na imagem acima, representa dois animais, a Onça-pintada definida no dicionário online de português como: “Felino do gênero *Panthera onca*, encontrado na América Central do Sul, conhecida por ter pelo amarelo na parte superior coberto por manchas negras.[...]” e o Surubim, que de acordo com o diário online de português “é um peixe da família dos silurídeos”. Os desenhos, possuem formas geométricas e pigmentos

de tinta de Jenipapo, que é o sumo extraído da fruta depois de ralada e torrada. Assim a pintura é feita por um objeto pontudo, que após ser mergulhado no líquido, é passado sobre a pele, dando cor e forma a expressão da cultura.

A pintura corporal é uma arte dos povos indígenas, que têm uma representação em cada cultura. De acordo com fontes orais, e pesquisas realizadas com anciões e lideranças indígenas da comunidade em que a pesquisa se desenvolve, na cultura dos Guajajara a pintura da onça têm uma representação sagrada pra os indígenas, pois é uns dos animais encantados da mata , um animal silvestre predador, ágil, rápido, Veloz e temida por todo os animais da mata esta pintura é usada nas festas indígenas, celebração, rituais de cerimônias(Cantorias), nos jogos e brincadeiras indígenas, para representar a força e agilidade, assim como o instinto guerreiro.

O desenho do Surubim na pintura corporal tem uma representação significativa para o Povo Guajajara, é uns dos animais encantados que é muito utilizado e exibido nas festas indígenas, jogos, brincadeiras, nas celebrações e nas cerimônias. O Surubim por ser um animal aquático, é muito veloz na água, predador ágil com grande força entre os peixes. Sua banha (gordura extraída da barriga) é usada como medicação em várias enfermidades. Essas pinturas têm significados importantes, além de várias outras pinturas, que compõe a cultura indígena Tenetehar Guajajara da Aldeia Bacurizinho. Todas essas pinturas são trabalhadas de forma pedagógica na produção de desenhos em sala de aula, assim como também se trabalha seus significados e o contexto que as envolvem.



3 DO PERCURSO METODOLÓGICO AOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo discorreremos sobre o percurso metodológico em que se deu a pesquisa, de forma que está apresentado também a análise dos dados e os resultados obtidos na pesquisa de campo.

É interessante dizer que a pesquisa se dividiu em pesquisa bibliográfica e coleta de dados por meio de entrevista, que por sua vez esteve estruturada em identificação e perfil dos professores entrevistados, onde buscamos traçar um perfil do profissional indígena bilíngue da educação infantil ofertada na comunidade em que a escola lócus da pesquisa está situada. Em seguida, buscamos abordar questões específicas sobre o desenho como expressão da cultura indígena tenetehara na educação infantil na concepção dos professores bilingues da escola pesquisada. Como mostramos a seguir.

3.1 caminhos metodológicos

Considerando o nosso objeto e objetivo de estudo, metodologicamente, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa que, por suas próprias características, possibilitou-nos o maior envolvimento nosso com o ambiente da pesquisa. Esta abordagem permite a obtenção de dados “[...] no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 13). Através da pesquisa bibliográfica e em seguida a pesquisa de campo de caráter exploratório seguido de uma dimensão qualitativa, nessa ótica Minayo (2004, p. 43) defende que,

[...] Pesquisa de campo é o recorte feito pelo pesquisador em termos de espaço, que representa uma realidade empírica a ser estudada com base nas concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação. Na pesquisa social, esse espaço é o lugar primordial da dinâmica de interpretação social (MINAYO, 2004, p. 43).

O cenário da pesquisa se deu em uma determinada Pré-escola indígena da rede pública municipal em Grajaú-MA. É válido deixar registrado que o município de Grajaú, desde sua fundação tem convivido com os indígenas no processo de crescimento urbano e rural, haja vista que desde fundado já habitavam nessa terra os estes povos. Nos dias atuais ainda apresenta uma sólida população indígena, com aldeias próximas e distantes da cidade.



Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores indígenas bilingues de uma Pré-escola indígena da rede pública municipal localizada em uma aldeia da Terra Indígena Bacurizinho, que tem como público específico crianças indígenas de três a cinco anos de etnia Guajajara.

O critério de escolha destes profissionais se deu por fazerem parte do quadro de professores da escola lócus da pesquisa, além de terem mostrado interesse em responder as perguntas da entrevista, por questões éticas e para assegurar a legitimidade da pesquisa os sujeitos serão denominados de Pyra zar (Dono dos Peixes), Ka'a Zar (Dono da mata), Y' izar (Dono do Rio), Myar wazar (Dono das caças), Tàmuz (ancião).

O instrumento utilizado para realizar a coleta de dados se deu a partir de roteiro de entrevista pré-elaborado com questões abertas com o intuito de responder os objetivos propostos na pesquisa. A escolha deste instrumento justifica-se, pois Ribeiro (2008, p.141) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados.

Para realizar a coleta de dados foram agendados previamente dois momentos. As perguntas foram respondidas individualmente na presença do autor da pesquisa. Os dados coletados foram transcritos na íntegra retratando fielmente o que foi respondido pelos entrevistados.

3.2 Análise e discussão dos resultados

A Concepção dos professores bilingue de uma Pré-Escola Indígena do município de Grajaú-MA, sobre o desenho como expressão da Cultura Indígena Tenetehara é o eixo central da pesquisa, a qual se desdobra interligando o referencial teórico com a pesquisa de campo.

Conhecendo que o desenho faz parte do mundo da criança e que é essencial para seu desenvolvimento pleno. Faz-se indispensável que professores adotem o desenho de forma pedagógica nas escolas. Considerando que o desenho é como símbolo que representa e expressa a criança em momentos distintos de seu desenvolvimento, facilitando a comunicação. Como podemos perceber na fala de Dongo Montoya, Morais-Shimizu, Marçal e Moura (2011, p. 110),



Convém lembrar que a linguagem como meio de expressão e de comunicação não se limita à língua, mesmo se tendemos a assimilar uma à outra. Assim, quando as crianças representam cenas de suas vidas, elas não estariam inventando o teatro, da mesma forma como criariam com seus desenhos não apenas a expressão escrita que se especificará na escritura, mas a arte pictórica em geral como linguagens? Em suma qualquer criação da criança, seja ela com finalidades de comunicação ou de expressão, prefigura as atividades humanas que florescerão no adulto.

Neste sentido, é tendo o desenho como forma de expressão e comunicação que os professores bilíngues da escola *locus* da pesquisa desenvolvem suas atividades. Acreditando que a expressão por meio do desenho contribui significativamente para a perpetuação da cultura que lhes pertencem.

Para entendermos melhor como se dá esse processo de ensino por meio do desenho como expressão da cultura indígena Tenetehar de acordo com a concepção dos professores bilíngues, realizamos uma entrevista com cinco professores de uma Pré-Escola da rede Municipal de Grajaú-Ma, localizada na Terra Indígena Bacurizinho. Sendo relevante observar que todos os entrevistados são indígenas Guajajaras, residentes da mesma localidade em que a escola pesquisada está situada. Ambos, do sexo masculino, três deles casados, dentro dos costumes indígenas, e dois solteiros.

Dos professores entrevistados, Pyra zar (Dono dos peixes) está na faixa etária entre 18-25 anos, Ka'a zar(Dono da mata)e Y' izar (Dono do rio) entre 26-35 anos Myar wazar (Dono da caça) entre 36 e 45 anos e Tàmuz (Ancião) acima de 46 anos. Todos contratados por meio da rede municipal. Em relação a suas formações acadêmicas, dos professores entrevistados, Pyra zar(Dono dos peixes), Ka'a zar(Dono da mata), e Myar wazar (Dono da caça) possuem formação bilíngue, já Y'izar (Dono do rio) e Tàmuz (Ancião) três possuem apenas formação em curso de magistério. Aqui destacamos que “o professor indígena deve ser formado também como um pesquisador, não só de aspectos relevantes da história e da cultura de seu povo, mas também dos conhecimentos significativos das diversas áreas de conhecimento [...]” (GRUPIONE, 2006, p. 11).

Primando por melhor identificar o sujeito da pesquisa e suas experiências como docentes realizamos questionamentos referentes ao tempo de trabalho na Educação Infantil e ao tempo de trabalho na Educação Infantil como professor bilíngue, assim, obtivemos informações de que, Pyra zar(Dono dos peixes) exerce o trabalho de docência na Educação Infantil à 3 meses, de modo que também a 3 meses exerce o trabalho como professor bilíngue, Ka'a zar (Dono da mata), soma uma experiência de 7 anos na educação Infantil, sendo que há 5 anos se dedica ao

trabalho como professor bilíngue, nesta etapa da educação; Y' izar (Dono do rio), está respectivamente há 1 ano na educação infantil, e como professor bilíngue, Myar wazar (Dono da caça) exerce sua função docente há 1 ano na Educação Infantil, o que também corresponde a 1 ano de trabalho como professor bilíngue, Tàmuz (Ancião) possui 3 anos de experiência tanto na Educação Infantil, quanto professor bilíngue.

Diante das informações, podemos perceber que somente um dos professores entrevistados possui mais tempo de experiência na educação infantil, nos dando a entender que a educação bilíngue ofertada pela rede municipal ainda é recente, uma vez que o tempo de experiência dos outros professores na educação infantil corresponde ao tempo de experiência na educação infantil como professores bilíngues. No entanto, acreditamos que, o tempo de experiência não um fator que prejudica o bom desenvolvimento do trabalho com o desenho como forma de expressão de suas culturas, uma vez que, a cultura do desenho faz parte de suas vivências culturais e sociais no âmbito comunitário.

Para conhecermos como os professores entrevistados entendem o trabalho pedagógico com desenho, é interessante partirmos do entendimento que cada um possui em relação ao desenho em sala de aula. Para isso, seguimos com as perguntas específicas, iniciando com o seguinte questionamento: O que você entende por desenho em sala de aula? A seguir as respectivas respostas.

“Muito criativo e chamativo para as crianças e facilita o entendimento” (Pyrazar, Dono dos peixes).

“O desenho na sala de aula com os alunos, fazem com que o aluno valorize mais o conhecimento, vendo que ele tem a capacidade de conhecer o desenho” (Ka'azar, Dono da mata).

“É por onde a criança expressa seus sentimentos, suas ideias e suas vontades, sobretudo quando ela ainda não consegue se expressar por meio da linguagem oral e escrita” (Y' izar, Dono do rio).

“O desenho na sala de aula pra mim é uma arte que ajuda as crianças a si desenvolverem” (Myar wazar, Dono da caça).

“Entendo que o desenho chama atenção das crianças na sala de aula. Através do desenho eles tem mais facilidade de aprender” (Tàmuz, Ancião).



Podemos verificar na fala dos professores entrevistados, a valorização do desenho como meio de aprendizagem e de expressão. Da mesma forma que entendem que o desenho contribui para o desenvolvimento infantil.

Já em relação a esse desenvolvimento da aprendizagem, entendemos que de acordo com a concepção dos professores entrevistados, o desenho é, portanto, um estímulo, um recurso usado tanto para prender a atenção da criança quanto para incentivar a criatividade e expressividade. De modo que tal estímulo pode ser incumbido nos quatro estágios do desenvolvimento infantil, que conforme Piaget (1999), acontece desde o nascimento da criança e podem assim serem denominados como “sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais” (SHIRMANN, MIRANDA, VALDILEIA, ZARTH, 2019, p. 2). De modo que, a aprendizagem segue os referidos estágios, e assim deve ser estimulada.

Buscando conhecer o trabalho dos professores bilíngues em sala de aula, partimos do entendimento que os professores têm sobre o desenho e seguimos com a entrevista: Você realiza atividades de desenho com as crianças em sala de aula? Por quê? Responderam,

“Sim. Incentiva mais para a aprendizagem, porque o desenho facilita muito o entendimento e conhecimento, e para os professores, os desenhos, as artes são necessárias para os alunos” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“Sim. Porque através de atividades de desenho que os alunos podem ter conhecimento daquilo que o professor tá ensinando ao aluno” (Ka’a zar, Dono da mata).

“Sim. Porque assim as crianças entendem mais o assunto que está sendo discutido em sala de aula e isso faz com que a criança tenha curiosidade sobre o assunto e possa interagir em sala de aula” (Y’ izar, Dono do rio).

“Sim. Porque ajuda muito o desempenho de cada criança” (Myar wazar, Dono da caça).

“Sim. Porque as vezes o desenho tem algum significado para eles descobrirem” (Tâmuz, Ancião).

De acordo com as respostas obtidas percebe-se que todos os entrevistados concordam que o desenho facilita a aprendizagem e que também é uma atividade que chama a atenção da criança, proporcionando a interação na sala de aula. Neste sentido, percebemos que há por parte do professor, respeito pelas crianças, quando é colocado em prática atividades que despertam o interesse e curiosidade da criança, para então promover aprendizagem. Assim, propõe que a criança exerça sua autonomia, que de acordo com Freire, (1996), “O respeito à autonomia e à



dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.[...]”. Portanto, ao respeitar a autonomia da criança, é dever de todo docente.

Considerando a dedicação e o respeito que os professores apresentam ter pela autonomia da criança na construção da própria aprendizagem, resolvemos investigar como se dá o seguimento dessas atividades, para tanto fizemos a seguinte pergunta: realizar atividades na sala de aula com desenhos, você realiza a leitura desses desenhos? Por quê? foram pontuais nas respostas,

“Sim. É importante ouvir a fala do aluno” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“Sim. Porque o professor na sala de aula tem que contar a história para seus alunos” (Ka’a zar, Dono da mata).

“Sim. Para que as crianças venham entender melhor o porquê desses desenhos nas atividades” (Y’ izar, Dono do rio).

“Sim. Para as crianças saberem identificar tantos os desenhos como os nomes” (Myar wazar, Dono da caça).

“Sim. Podemos saber o que a criança aprendeu quando ela ler o desenho e conhecer o que ela pensa” (Tâmuz, Ancião).

É possível observar na fala dos professores entrevistados, o entendimento de que através do desenho trabalhado em sala há tanto uma expressão por parte do professor como também é uma possibilidade de expressão das próprias crianças. Assim, a leitura desses desenhos torna-se imprescindível, sendo indispensável que a atividade não seja dada por acabada, no registro do desenho, ou símbolo, indo além de um fazer artístico pronto e acabado, é uma expressão cultural, que leva em consideração todos os fatores que cercam a vivência de cada criança.

Outro aspecto importante que podemos observar é a valorização da oralidade, costume cultural da etnia Guajajara, uma vez que se trabalha a leitura dos desenhos valorizando a história representada por ele. Nesta perspectiva, Venere e Velanga (2008), ao analisar sobre a educação infantil indígena, descrevem a significância da oralidade ser trabalhada de forma pedagógica na infância da criança indígena. Assim,

Sendo a infância uma etapa percorrida para se aprender a viver em sociedade, as crianças aprendem brincando, imitando os mais velhos, participando da tradição oral, das atividades do dia-a-dia e dos rituais inerentes a cada cultura, aprendendo assim as regras do convívio social (VENERE e VELANGA, 2008, p. 179).



Percebendo, que a oralidade é importante para a perpetuação da cultura, desde a educação infantil, e que o trabalho pedagógico que envolve a oralidade, anda estreitamente ligada com o trabalho com desenho, partimos deste questionamento para entender essa realidade.: Qual a importância da arte do desenho na Educação a partir da Pré-Escola para a preservação da cultura indígena Tenetehar? Responderam:

“A importância da cultura indígena na sala de aula serve muito para preservar a cultura e na sala de aula é o começo para manter a cultura e aprender mais através de desenho e pinturas” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“A educação escolar indígena é muito importante tanto na língua portuguesa quanto na língua indígena. Conhecer a cultura e ter conhecimento naquilo que o professor tá ensinando” (Ka’a zar, Dono da mata).

“Isso é importante porque assim as crianças vão conhecer como era o passado de seus parentes e saber como é a cultura e como começou e que futuramente possam valorizar suas raízes e preservar” (Y’izar, Dono do rio).

“Para não perdermos nossa origem Tenetehara”(Myar wazar, Dono da caça).

“A criança que ainda não sabe escrever ou ler aprende lendo a arte do desenho sobre a nossa cultura”(Tàmuz, Ancião).

Percebemos nas falas dos professores, que a arte do desenho se faz presente como um dos principais recursos usados na educação para a preservação da cultura. Identificamos também que por meio da arte do desenho, a criança tem acesso ao contexto histórico e cultural ao qual faz parte, de forma que a arte do desenho na Educação, a partir da Pré - Escola, é de grande importância para a formação da criança em toda sua amplitude, ao mesmo tempo que também promove à criança possibilidades de formação de conceitos sobre a realidade que os rodeia, processo que ocorre mediante as relações e vivências de experiências proporcionadas pelo contato cultura e social.

O processo de formação de conceitos nos remete à discussão das relações entre pensamento e linguagem, à questão da mediação cultural no processo de construção de significados por parte do indivíduo, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana (PIAGET, VYGOTSKY, WALLON,1992, p. 23).

Além do fazer artístico, do fazer cultural, por meio do desenhar a criança desenvolve a coordenação motora e cognitiva, além de conhecimentos de natureza científica, que conforme os autores citados acima “são diferentes daqueles aprendidos na vida cotidiana”, ou seja, são conhecimentos e habilidades que se aprende na escola através da mediação pedagógica do educador.



É interessante dizer que toda ação pedagógica necessita de um planejamento, que além de conter os objetivos traçados deve-se também traçar o caminho metodológico para o alcance desses objetivos. Assim, na intenção de conhecer as estratégias metodológicas desenvolvidas pelos professores entrevistados, fizemos o a seguinte pergunta: Qual a estratégia metodológica que você utiliza na educação infantil para a produção e aplicação do desenho no âmbito da sala de aula? Responderam:

“Histórias com desenho e pinturas” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“O professor sempre estar preparado para seus alunos e utilizar técnicas como brincadeiras e contos indígenas” (Ka’a zar, Dono da mata).

“As estratégias utilizadas inicialmente é uma roda de conversa, atividades escritas, desenhos, brincadeiras ao ar livre, música dança e cantoria na linguagem” (Y’ izar, Dono do rio).

“Os desenhos aplicados como tipos de animais etc. para conhecer” (Myar wazar, Dono da caça).

“Produzir desenhos de forma contextualizada de acordo com as atividades e objetivos planejados para a aula em questão” (Tâmuz, Ancião).

A estratégia metodológica pensada e planejada de acordo com a realidade do educando, é essencial para a realização dos objetivos propostos. Considerando a fala dos professores entrevistados percebemos a preocupação de contextualizar as produções e aplicações do desenho de acordo com os objetivos que se deseja alcançar, assim também como há uma preocupação de que as atividades estejam inseridas na realidade cultural das crianças, de forma que valorize as histórias, pinturas e brincadeiras do contexto ao qual a escola se insere.

Dentre as respostas obtidas, é interessante fazer destaque a fala do professor Y’ izar (Dono do rio), quando ele diz que, a estratégia usada é iniciada com uma roda de conversa, o que é de grande relevância para cultura indígena, pois é através roda de conversa que as crianças vivenciam as aprendizagens perpassadas pela oralidade, que são fundamentais para a convivência em sociedade. Assim,

Sendo a infância uma etapa percorrida para se aprender a viver em sociedade, as crianças aprendem brincando, imitando os mais velhos, participando da tradição oral, das atividades do dia-a-dia e dos rituais inerentes a cada cultura, aprendendo assim as regras do convívio social (VENERE, VELANGA, 2008, p,189).

Neste sentido as crianças aprendem partindo da oralidade, da socialização de seus conceitos já formados para formação de novos conceitos da realidade que as rodeiam. Toda essa aprendizagem pode ser concretizada na produção do desenho,



é onde a criança expressa seu pensamento, sentimento e olhar sobre as aprendizagens adquiridas.

Partindo da perspectiva da aprendizagem da cultura através do desenho, buscamos investigar quais os tipos de desenhos pertencentes à cultura tenetehara são utilizados na pré-escola, para tanto, partimos do questionamento: Quais os tipos de desenho da cultura indígena tenetehar você utiliza na pré-escola? Objetivemos as respostas expostas a seguir:

“Maraká (maracá, escrita indígena e os demais artesanatos)” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“Desenho de animais, frutas esses são os mais utilizados na sala de aula” (Ka’a zar, Dono da mata).

“Histórias, contos e historinhas sobre os animais”(Y’ izar, Dono do rio).

“Maracás, artesanatos e outros, também mostrar como fazer” (Myar wazar, Dono da caça).

“Desenhos de animais e de personagens das lendas indígenas” (Tàmuz, Ancião).

De acordo com as respostas obtidas podemos definir que os desenhos produzidos estão fielmente comprometidos em valorizar e expressar a cultura indígena. Sendo, portanto interessante ressaltar na fala do professor Myar wazar (Dono da caça), que os desenhos não se limitam no registro escrito, mas também são ampliados para a produção concreta dos objetos artesanais. Assim, como a pintura corporal, e trabalham não somente o contexto atual da cultura, mas todo o processo histórico em que ela se desenvolve.

Diante da análise das falas dos entrevistados percebemos que o uso do desenho como expressão da cultura indígena em sala de aula, tende a perpassar os quatro estágios do desenvolvimento infantil, definidos por Piaget (1999) como sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais. Considerando a idade das crianças a quem se direciona as atividades propostas na escola lócus da pesquisa, podemos identificar que as crianças se encontram no estágio pré-operacional, que vai dos dois a sete anos de idade, definido como primeira infância, que de acordo com Piaget (1999, p 28) é,

[...] Durante a idade de dois a sete anos, encontram-se todas as transições entre duas formas extremas de pensamento, representadas em cada uma das etapas percorridas durante este período, sendo que a segunda domina pouco a pouco a primeira. A primeira destas formas é a do pensamento por incorporação ou assimilação puras, cujo egocentrismo exclui, por consequência, toda objetividade. A segunda destas formas é a do



pensamento adaptado ao mundo real, que se separa, assim, o pensamento lógico. Entre os dois se encontra a grande maioria dos atos do pensamento infantil que oscila entre estas direções contrárias (PIAGET, 1999, p, 28).

Neste sentido, cabe dizer que, sendo a primeira infância um período de transição entre as duas formas de pensamento, e que constitui na criança a formação dos conceitos sobre o mundo real, se destaca dentro da educação escolar indígena, a relevância de se trabalhar pedagogicamente os conhecimentos culturais, assim como despertar por meios dos desenhos, atividade natural da infância, o interesse sobre a história e vida dos povos indígenas. De forma que havendo essa valorização dentro da escola, desmistifica a visão folclórica sobre a cultura indígena.

Sabendo que o desenho é uma linguagem, e que é meio pelo qual a criança se expressa, buscamos identificar este conceito dentro concepção dos professores bilíngues. Assim realizamos a seguinte indagação: Você considera que a linguagem do desenho na educação infantil como forma de expressão da cultura indígena é um fator determinante na preservação da cultura Tenetehara? Justifique. Responderam,

“Sim. Porque desde cedo possam aprender e no futuro não perca os princípios da cultura e que possam entender a importância de manter a cultura viva através de artes e pinturas” (Pyra zar, Dono dos peixes).

“Sim. Porque o desenho é muito importante na cultura indígena” (Ka’a zar, Dono da mata).

Sim. Porque desde cedo as crianças podem conhecer como era a cultura antigamente e nos dias de hoje e assim poderão buscar conhecimento para que possam preservar a cultura de seu povo e procurar uma forma de manter a cultura (Y’ izar, Dono do rio).

“É bem considerável sim, para que possamos continuar preservando o que é o nosso de costume como indígena” (Myar wazar, Dono da caça).

“Sim. O desenho registra a cultura, e fala da cultura, assim outras pessoas podem ver e ouvir sobre a cultura registrada no desenho” (Tàmuz, Ancião).

Percebemos que de forma unanime, todos os professores consideram o desenho um fator determinante na preservação da cultura. Percebemos também nas repostas obtidas, que o desenho faz parte do costume e do fazer artística do povo indígena Guajajara. E que ao trabalhar com atividades de desenhos, os professores estão aproximando o mundo adulto do mundo infantil. estimulando as crianças a manterem viva as culturas por meio dos desenhos produzidos, de forma que,

O desenho, como linguagem, também se constitui um instrumento do conhecimento e leva a criança a percorrer novos caminhos e apropriar-se do mundo. A criança que desenha estabelece relações do seu mundo interior com o exterior, adquirindo e reformulando conceitos, aprimorando suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente.



Assim, ela externaliza sentimentos e expressa pensamentos (HANAUER, 2013, p. 75).

Assim, ao trabalhar o desenho como linguagem, se estabelece uma relação da criança com o mundo que a cerca, neste caso, com sua própria cultura. É meio de introdução do conhecimento indígena da Educação Infantil.

Para entendermos como se dá o trabalho dos professores em sala, e na intenção de ajudar os leitores desta pesquisa buscamos identificar quais são as sugestões de atividades propostas pelos professores entrevistados, assim, questionamos. Que sugestões de atividades você daria para os professores bilíngues trabalharem o desenho na sala de aula? Responderam:

“A minha sugestão é de focar mais nos desenhos em sala de aula, com pinturas atividades e cantorias, contar mais histórias, dê o máximo, que os alunos ouvem e escutem como é a realidade na aldeia e na cultura, tudo isso ensinando na sala de aula“ (Pyra zar, Dono dos peixes).

“Usar também atividades de números , na língua materna, apesar de nós não ter os nomes adequados para o número” (Ka’a zar, Dono da mata).

“Ouvir o que a criança tem a dizer sobre o desenho e o que eles sentiram, propiciar todo dia esse ambiente para ver como se sentem, dar uma pequena palestra em sala de aula, explicando o que os desenhos querem transmitir para eles”(Y’ izar, Dono do rio).

“Continuar ensinando a respeito da nossa cultura, sobre nossos costumes, como pintura, o porquê fazemos isso, explicar o significado de cada desenho mostrado” (Myar wazar, Dono da caça).

“Sugiro partir da oralidade para o registro em forma de desenho” (Tâmuz, Ancião).

Podemos identificar nas sugestões propostas, a valorização da interdisciplinaridade, assim como valorização dos conhecimentos prévios dos educandos, o que é de grande relevância para o desenvolvimento da aprendizagem.

É perceptível a dedicação em preservar a cultura indígena e garantir que as crianças adquiram os conhecimentos pertencentes ao seu contexto histórico e social. De forma que vale fazer uma menção à fala do professor Y’izar (Dono do rio), quando sugere “Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o desenho e o que eles sentiram [...]”, percebemos aqui, que há claramente uma preocupação em dar visibilidade a fala, a expressão e argumentação da criança, e, portanto consideração à seus conhecimentos prévios, e a partir desses saberes reais das crianças se caminha para um novo aprendizado. O que nos remete a colocação de Paulo Freire, quando em seu livro *Pedagogia da Autonomia* incumbi à escola o dever de relacionar a realidade do aluno com os conteúdos escolares.



Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p.16).

Neste sentido, percebemos que os professores a todo tempo, buscam essa relação entre comunidade e escola, relacionando sempre os saberes culturais com os conteúdos escolares, partindo da arte, costume e cultura para a contextualização dos conteúdos escolares. Lembrando-nos de Freire (1996) que faz destaque ao valor da “boniteza”, de ensinar e aprender, de ensinar aprendendo e aprender ensinando.



CONCLUSÃO

Buscamos, através deste trabalho destacar a relevância da abordagem do desenho como meio que possibilita o desenvolvimento do ensino aprendizagem e valorização da arte na cultura indígena. Assim a presente pesquisa se interessou a professores bilíngues que atuam na Educação Infantil e que através do desenho desenvolvem atividades lúdicas que promovem o bilinguismo e valorização da cultura indígena em sala de aula de forma lúdica.

Partindo desse pressuposto buscamos analisar o desenho como forma de expressão da cultura indígena tenetehara na Educação Infantil, numa Escola Indígena da rede Municipal de Grajaú- Ma.de forma que os estudos realizados mostraram que, a Educação Escolar Indígena, está a passos distantes do que dispõe as diretrizes e leis que norteiam esta educação, no entanto, há por parte dos professores indígenas bilíngues da escola lócus desta pesquisa, uma resistência e dedicação para torná-la o mais real possível. sendo desenho portanto um instrumento pedagógico de grande importância para a realização dos trabalhos que envolvem a valorização da cultura em sala de aula.

Ao considerar a concepção dos professores bilíngues, percebemos que, o desenho expressa a cultura não só de forma artística mas também valoriza a oralidade e costumes do povo étnico ao qual se inserem.

Desta forma a linguagem do desenho na Educação Infantil para a expressão da cultura Guajajara se dá por meio de uma contextualização da realidade com os conteúdos escolares, valorizando não só o conhecimento científico dos conteúdos, mas também, todo conhecimento prévio das crianças. Despertando nelas interesse pelo tema abordado em sala, priorizando o que é significativo para ela, e assim construindo novas aprendizagens. Assim, também convém dizer que, uma das razões que contribuem para essa construção de aprendizagens real, e não apenas ideal, se dá pela escolha dos desenhos que são trabalhados, uma vez que contemplam desenhos que fazem parte da própria cultura.

O estudo evidenciou que, o desenho por se tratar de uma forma de expressão da própria cultura, se torna de grande relevância atividades pedagógicas que envolvam o grafismo indígena Guajajara, assim como representação de peças artesanais e ornamentos usados em ritos e festas tradicionais, para que a criança conheça, imagine, reproduza e crie sua própria definição de mundo e estimule a representatividade indígena.



É interessante destacar que a análise do desenho como forma de expressão, realizada nesta pesquisa, identificou como principais desenhos da cultura indígena Guajajara usados como atividades pedagógicas de onde se realizou o estudo, a representação de objetos que fazem parte da própria produção artesanal da comunidade, tais como maracá ou (Maraka), cocá, (Koka), entre outros artefatos. Da mesma forma que se estimula a pintura corporal realizada pelas próprias crianças ou com auxílio dos professores ou pessoas da comunidade, com o uso de tinta extraída do suco do jenipapo.

A pintura corporal por sua vez tendem a seguir a representação de formas geométricas, assim como também seguem os traços contidos no corpo de animais que representam a energia, ancestralidade e espiritualidade deste povo, como a onça pintada e surubim.

Através da pesquisa foi possível considerar que além das pinturas corporais, artefatos artesanais e ornamentais, o desenho também é usado, para o estudo da própria história, assim como é usado como instrumento para facilitar o entendimento dos rituais e costumes até então passados por meio da oralidade, mas, para tanto, as estratégias metodológicas usadas pelos professores para a produção e aplicação destes desenhos em sala de aula são de suma importância.

A pesquisa evidenciou que as estratégias metodológicas como: contação de histórias, atividades de roda de conversa, cantorias são necessárias e só após a aplicação do desenho, onde as crianças possam expressar através da arte o aprendizado interlaçado com o imaginário, resultando assim em uma aprendizagem significativa., não deixando de enfatizar que todas essas estratégias são planejadas e aplicadas considerando a realidade das crianças, e de todo seu contexto social, desta forma, são pautadas na construção democrática, uma vez que não são impostos sobre a criança somente os conhecimentos que o professor tem sobre o tema do desenho produzido, mas partem principalmente do que as crianças pensam, como as crianças vêm, e como elas constroem seus conceitos sobre determinado conteúdo abordado, tornando a criança sujeito central e ativo da própria aprendizagem. Assim, se faz importante não como é produzido o desenho, mas também sua aplicação.

Foi possível perceber que a formação específica para professores indígenas, ainda se encontra distante do ideal, isto é, é visível a necessidade de se formar professores indígenas em cursos superiores específicos que atendam a multiculturalidade e ao mesmo tempo a singularidade destes povos, e lhes proporcione conhecimentos advindos da cultura nacional. Uma vez que, formar



professores indígenas para escolas indígenas implica na melhoria de uma educação específica e diferenciada, que deve ser criada, planejada e exercida de acordo com os costumes étnicos e sociais dos próprios indígenas. Embora os professores realizem um trabalho plausível, mediante a falta de formação superior, o conhecimento teórico se faz indispensável para melhoria da prática.

Através deste estudo podemos considerar que o desenho é uma forma de expressão da cultura indígena na educação infantil e contribui para a valorização da arte indígena, bem como é meio que contribui significativamente para a formação da criança, e que por fazer parte da própria vivência da criança torna a aprendizagem mais significativa e prazerosa, ao mesmo tempo em que é instrumento indispensável para a perpetuação da cultura indígena tenetehar. Cabe ainda ressaltar que, esta pesquisa não se encerra aqui, é apenas um passo inicial para estudos relacionados ao tema, de forma que servirá como gatilho para outros questionamentos e pesquisa que envolva o desenho, forma de expressão, cultura e educação dos povos étnicos.



REFERÊNCIAS

- BARROS. Andréa Lima; SILVA. Bruno de Oliveira da; SILVA. Elloane Carinie Gomes e. **A LEITURA DE VISUALIDADES INDÍGENAS POR MEIO DO GRAFISMO GUJAJARA: NOTAS PRELIMINARES PARA INTERPRETAÇÃO.** <https://doin.org/10.33871/23590437.2021.81.153-166>. E Inter.Interdisc. art&Sensorium, Curitiba.v.8, n.1, o.153-166.jan-jun 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil. 2018. p.40-52.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf . Acesso em 23 de ago. de 2023.
- _____. Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília MEC/SEF, 2012.
- DELMONDEZ, Polianne; CAVASIN, Zabotto Pulino, Lucia Helena. **Sobre identidade e diferença no contexto da educação Escolar indígena.** In: Psicologia & Sociedade, 2014, Vol.26. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/XQTdCCDP7VLdrVyRRYbKgSF/?lang=pt>. Acesso em 23 de ago. de 2023.
- ONÇA PINTADA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em : <http://www.dicionario.com.br/oncapintada/> . Acesso em 23 de out de 2023.
- DONGO MONTOYA, Adrián Oscar. MORAIS-SHIMIZU, Alessandra de. MARÇAL, Vicente Eduardo Ribeiro. MOURA, Josana Ferreira Bassi. **Jean Piaget no século XXI : escritos de epistemologia e psicologia genéticas / CDD 155.7 (org.) ... [et al.].** – [São Paulo] : Cultura Acadêmica ; Marília : Oficina Universitária, 2011. 236 p. : il. ISBN 978-85-7983-165-2 Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/jean_piaget.pdf . Acesso em: 28 de out. de 2023.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática** educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). ISBN 85-219-

- 0243-3.I. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> . Acesso em: 28 de out. de 2023.
- GRUPIONI. Luis Donizete Benzi. **Formação de professores indígenas : repensando trajetórias** / Organização Luís Donisete Benzi Grupioni. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- HANAUER. F. **Riscos e rabiscos - o desenho na educação infantil.** PERSPECTIVA. Erechim. V.37, n.140, p. 73-82, dezembro/2013. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf. Acesso em : 28 de out. de 2023.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Linguagens Geradoras: **seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo. Loyola, 1979
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23ª ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia** . tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Sergio Lima Silva.- 24.ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: **teorias Psicogenéticas em Discussão**. 18.ed. São Paulo: Summus,1992.
- RABELO JUNIOR, Lindolfo de Oliveira. OLIVEIRA, Mariane Santos. RIBEIRO, Rosângela de Meneses Melo. **A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ATIVIDADE DOTADA DE VÁRIAS SIGNIFICAÇÕES**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2016. Disponível em:https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_02-1.pdf. Acesso em :14 de Abr. de 2023.
- READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/tecnica_coleta_dados.pdf . Acesso em 28 de out. de 2023.
- RIBEIRO, Maristela Maria. **GRAFISMO INDIGENA INFLUÊNCIA GRAFISMO CORPORAL**. UnB - Universidade de Brasília Instituto de Artes-Id A. Brasília, 2012.Disponível em :

<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8643/1/2014SilvanaSolangeBrand%C3%A3oSilva.pdf> . Acesso em 28 de out. de 2023.

SANTOS. Rodrigo Otávio dos; RADVANSKEI. Sonia de Fátima; BACHMANN. Vanessa da Silveira. **Desenho na educação infantil: importância e suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização.** Cadernos Cajuína.v.3, n.3 2016. p147-161. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/207/171>.

Acesso em :28 de out. de 2023.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Educação indígena X educação escolar indígena.** São Paulo: UNESP, 2009.

SHIRMANN, Jeisy Keli. MIRANDA, Neiva Guimarães Miranda. GOMES, Valdilea Fabrício Gomes. ZARTH, Evani Luiza Fiori. **Fases de Desenvolvimento Humano segundo Jean Piaget.** VI Congresso Nacional da Educação. 2019. CONEDU. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/trabalho_ev127_MDI_SA9_ID474_270992019225225.PDF . Acesso em 28 de fev. de 2023

SCHRÖDER, Peter. **POVOS INDIGENAS NO BRASIL. Guajajara.** Publicado originalmente em 01/2002. Modificadapela última vez em 23 de janeiro de 2021. Disponível em: ; [Povos Indígenas no Brasil - https://pib.socioambiental.org/](https://pib.socioambiental.org/) . Acesso em 14 de abr. de 2023

VELTHEM, Lucia. **Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos. Textos escolhidos de cultura e arte populares,** Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 19-29, mai. 2010. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12052/9434>. Acesso em: 02 mar. 2023.

VENERE, Mario Roberto & VELANGA, Carmen Tereza. **A criança indígena e a educação infantil:as complexas relações entre a cultura e a escola na cidade.** Campo Grande – MS, Tellus, ano 8, n. 15, p. 175-191, jul./dez. 2008.

ZANNONI, Claudio, 1953- **O dinamismo social do povo Tenetehara /** Prefácio e contribuição de Cintia Guajajara / Claudio Zannoni, - São Luís-MA: Claudio Zannoni 2ª ed., 2021. 248 p. ISBN: 978-65-00-36388-3.



APÊNDICES





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA

DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA

SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA ENTREVISTA

Prezado Professor (a), eu *DOMICIANO GRIGÓRIO GUAJAJARA* acadêmico do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA por meio deste instrumental de entrevista semiestruturado venho, *mui* respeitosamente lhe solicitar participação neste meu trabalho de pesquisa de campo obrigatório para a conclusão do referido curso acadêmico. Bastando responder as questões abaixo descritas de acordo com suas opiniões pessoais.

De já muito obrigado pela atenção

Atenciosamente,

Acadêmico _____

Sim, eu _____ li atentamente do que se trata esta entrevista e, conscientemente aceito participar deste trabalho acadêmico de campo respondendo as questões.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE PEDAGOGIA
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

A - IDENTIFICAÇÃO E PERFIL DOS PROFESSORES

1. Nome (opcional): _____
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Estado Civil: () Casado (a) () Solteiro (a)
4. Faixa Etária: () 18 a 25 anos () 26 a 35 anos () 36 a 45 anos () Acima de 46 anos.
5. Professor efetivo ou contratado? _____
6. Qual sua Formação Acadêmica? _____
7. Quanto tempo você trabalha na educação? _____
8. Tempo de trabalho na Educação Infantil como professor bilíngue: _____

B – DESCRIÇÃO SOBRE A PESQUISA

QUESTÕES ESPECÍFICAS SOBRE O DESENHO COMO EXPRESSÃO DA CULTURA INDÍGENA TENETEHARA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES BILINGUE DE UMA PRÉ-ESCOLA INDIGENA

1. O que você entende por desenho na sala de aula?
2. Você realiza atividades de desenho com as crianças na sala de aula? () Sim () Não Por quê?
3. Ao realizar atividades na sala de aula com desenhos você realiza a leitura desses desenhos? () Sim () Não Por quê?
4. Qual a importância da arte do desenho na educação a partir da pré-escola para a preservação da cultura indígena Tenetehara?
5. Qual a estratégia metodológica que você utiliza na educação infantil para a produção e aplicação do desenho no âmbito da sala de aula?
6. Quais os tipos de desenhos da Cultura Indígena Tenetehara você utiliza na pré-escola?
7. Você considera que a linguagem do desenho na educação infantil como forma e expressão da cultura indígena é um fator determinante na preservação da cultura Tenetehara?. Justifique.

8. Que sugestões de atividades você daria para os professores bilíngues trabalharem o desenho na sala de aula?

